
PEDAGOGIA

ANA PAULA PEDRO GONÇALVES COELHO

**A PEDAGOGIA DOS PROJETOS,
ALÉM DA ESCOLA**



Rio Claro
2009

ANA PAULA PEDRO GONÇALVES COELHO

**A PEDAGOGIA DOS PROJETOS,
ALÉM DA ESCOLA**

Orientador: Romualdo Dias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do grau de licenciado em pedagogia.

Rio Claro
2009

370 Coelho, Ana Paula Pedro Gonçalves
C672p A pedagogia dos projetos, além da escola / Ana Paula Pedro
Gonçalves Coelho. - Rio Claro-SP : [s.n.], 2009
91 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias

1. Educação. 2. Processo educacional. 3. Formas de ensino. 4. Projeto
pedagógico. 5. Educação religiosa. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho a minha família, em especial: A minha avó Benedita Ap. Pedro com amor e saudades. A minha mãe Raquel P. Ribeiro com amor. A meu pai Amélio Gonçalves Filho e a meu pai de coração Armando Ribeiro, com afeto. E a meu grande amor, Tiago Coelho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minhas amigas de turma: Cinthya Ap. da Rocha, Juliana de F. Machado, Lilian S. de Lucas e Souza, Luciane P. Caciagli e Marina Jutkoski. Esse quinteto de meninas foi de especial importância na minha vida. Pois cada uma delas com sua personalidade e estilo diferente me possibilitou a convivência em grupo que há muito tempo eu não usufruía. A Cinthya é uma pessoa muito meiga, porém determinada em seus objetivos. A Juju é a mais extrovertida do grupo, sempre falante e impetuosa, porém é de uma doçura incrível. A Lili é a menina dos cachos dourados que irradia o grupo com sua alegria e vivacidade. A Lulú tem uma personalidade marcante, um espírito de liderança que se fazia notar sempre em nossas reuniões para a preparação dos trabalhos. A Marina é uma pessoa amorosa, cuja capacidade de ultrapassar dificuldades é invejável, além disso, ela sempre tem uma palavra de ânimo para as amigas. Esse foi o grupo de pessoas que mais tive afinidade durante o tempo na Universidade, também serão as pessoas que guardarei em meu coração as mais belas recordações desses quatro anos do curso de pedagogia.

Agradeço, em especial, ao meu professor e orientador Romualdo Dias. Através dele pude compreender que o processo de escrever é um ato de compartilhar o conhecimento e os saberes, não somente da pesquisa, mas da vida. Com ele aprendi que a pesquisa pode ser um momento de descoberta de si mesmo, o saber aprendido com singela alegria e prazer, e assim, conhecer e reconhecer quem se é através do que escrevemos. E por fim, com Romualdo aprendo que a socialização do conhecimento produzido e sistematizado é uma das tarefas e uma das obrigações do pedagogo. Para que através do conhecimento possam homens, mulheres e crianças se instrumentalizar e modificar a sua própria realidade sócio-cultural. Visto que os conhecimentos sistematizados na universidade, advém também de muitas pessoas a quem foram negados e roubados os direitos à educação formal em seus vários níveis, mas que em muito contribuíram para que outros, como eu, pudessem tê-lo.

E a agradeço a minha família, sem a qual eu não teria conseguido terminar esta pesquisa, que representa a conclusão do curso de pedagogia. Agradeço a minha amada avó, que sempre acreditou que um dia eu conseguiria concretizar os meus sonhos. Sinto sua falta neste momento importante da minha vida como em outros como foi a data do meu casamento.

Sou grata a minha mãe que com amor indescritível, esteve ao meu lado durante toda a minha jornada estudantil, que com lágrimas me incentivou a prosseguir os estudos, que ela mesma, pelas dificuldades desta vida não pode concluí-lo. Agradeço também a meu “paidrasto” que junto com minha mãe foi a minha família. Agradeço a meu pai, que a seu modo e mesmo distante, me amou. E por fim, agradeço a meu grande amor, que pacientemente cedeu seu escritório para que eu pudesse pesquisar meus trabalhos. O Tiago sempre me apoiou em meus sonhos e projetos. Juntos pudemos sonhar e fazer dos nossos sonhos uma realidade possível de ser vivenciada a dois. Mais do que meu marido é um amigo de todas as horas, com o qual posso voar nas alturas sem tirar os pés do chão.

Agradeço aos meus queridos pais na fé Cezário e Soninha, e a seus filhos noras, em especial, a meu “mano” velho, André. Essas foram pessoas que a Vida me concedeu o privilégio de conhecer e de amar. Aprendi com eles o valor da família e do companheirismo.

Agradeço ao meu pastor Nilson Dias, por seus conselhos e sua dedicação pastoral. Agradeço também a todas as pessoas do Projeto Conhecendo Jesus, que dedicam suas vidas a pregar o Evangelho.

E como não poderia deixar de agradecer a meu Pai. Com meu Pai aprendi que posso ser livre, numa liberdade que somente em Cristo posso ter, mas nem sempre consigo desfrutar. Foi o Pai que me ajudou a assumir a minha identidade, meus sonhos. E foi com Ele que eu aprendo a ser grata a todas as pessoas que fazem parte da minha história de vida, mesmo aquelas que eu não pude agradecer neste momento.

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural.
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo o que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber que toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.
(PESSOA, 1997, p. 25)

RESUMO

A pedagogia dos projetos, além da escola teve como foco principal descrever e analisar os projetos sociais da Igreja Evangélica Batista do Calvário desenvolvidos nos bairros de Rio Claro-SP com crianças e adolescentes durante o período de 2005 a 2009. Descrevemos o Projeto Conhecendo Jesus da Igreja Evangélica Batista do Calvário com o objetivo de explicitar os fundamentos político-filosóficos de suas concepções e suas possíveis implicações no projeto pedagógico e na organização do processo educacional. Constituíram-se eixos transversais em toda a pesquisa as especificidades do projeto sócio-pedagógico, a organização do processo educacional, bem como a relação entre a produção de convicção religiosa e a educação. Analisamos o desenvolvimento de um processo educacional em um território constituído como fronteira entre a referida Igreja e movimentos de bairros, através da parceria com a Prefeitura Municipal de Rio Claro –SP.

Palavras-chaves: processo educacional, formas de ensino, projeto pedagógico, educação religiosa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Logotipo da camiseta do Projeto Conhecendo Jesus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - TRACEJANDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS.....	10
CAPÍTULO I - AS IMPLICAÇÕES DA CULTURA E DA AÇÃO SOCIAL NA PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	13
1.1 Aspectos organizacionais.....	15
1.2 Alguns aspectos doutrinários.....	20
1.3 A ação social: A manifestação do discurso religioso no Projeto Conhecendo Jesus.....	21
CAPÍTULO II - AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E O FAZER EDUCATIVO.....	26
2.1 Pedagogia Tradicional.....	26
2.2 O movimento da Escola Nova e a Pedagogia de Projetos.....	30
2.3 Pedagogia Libertadora.....	36
2.4 A educação e a prática de ensino no âmbito religioso.....	40
CAPÍTULO III - A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O ENSINO DAS VIRTUDES.....	46
3.1 A educação da civilidade pueril a partir da obra de Erasmo.....	46
3.2 O ensino das virtudes e a parceria com o governo municipal.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	62
ANEXOS.....	66
ANEXO A – ESBOÇO DA PRIMEIRA VERSÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DO PROJETO CONHECENDO JESUS ([2007]).....	66
ANEXO B – Proposta pedagógica – Projeto Conhecendo Jesus ([2008]).....	69
ANEXO C – O cultinho dos pequeninos([200?]).....	74
ANEXO D – Algumas dicas para o trabalho com crianças ([2008]).....	78
ANEXO E – Ministrando aos pequeninos ([2005]).....	84

INTRODUÇÃO: TRACEJANDO OS CAMINHOS PERCORRIDOS

O trabalho de conclusão de curso possibilita ao estudante universitário a iniciação científica no campo da pesquisa universitária, ou seja, a busca do conhecimento. Para isso, é necessário percorrer um longo caminho, que começa desde as primeiras indagações, tais como: Qual é a sua busca durante a jornada de quatro anos cursando a pedagogia? Quais são seus interesses, suas inquietações e desejos? É preciso pensar sobre essas questões e as possíveis maneiras de conciliar a pesquisa com os interesses pessoais e profissionais. Para que os conhecimentos adquiridos durante o período de vivência na universidade tenham um sentido maior, extrapolem os limites da academia e possibilitam des-conhecer e re-conhecer para então conhecer, aquilo que temos por obviamente conhecido.

A partir destas reflexões, escolhemos como assunto a análise da atuação de um projeto sócio educativo no âmbito religioso. Com a definição do assunto o próximo passo foi a delimitação do tema, então realizamos um recorte acerca do problema que iria ser pesquisado. Mediante nossa vivência junto à Igreja Evangélica Batista do Calvário, consideramos interessante os conhecimentos da pesquisa acadêmica na investigação da compreensão dos processos educacionais ocorridos no Projeto Conhecendo Jesus.

Mediante a definição do tema, o objetivo geral proposto para a pesquisa foi de analisar um dos projetos sociais da Igreja Evangélica Batista do Calvário desenvolvidos nos bairros de Rio Claro-SP com crianças e adolescentes no período de 2005-2009. Os objetivos específicos propostos foram: Descrever e analisar a prática educacional do Projeto Conhecendo Jesus. Compreender o território de fronteira constituído entre a Igreja e as organizações de bairro. Analisar o sentido político e pedagógico dessas parcerias. Compreender os fundamentos filosóficos e políticos da pedagogia dos projetos descritos na experiência da Igreja Evangélica Batista do Calvário desenvolvidos em Rio Claro. E, embora o Projeto Conhecendo Jesus aborde também visitas a idosos em asilos, o foco deste trabalho é baseado somente na atuação das educadoras através da contação de histórias para o público infanto-juvenil.

A pesquisa está inserida na abordagem qualitativa (GONSALES, 2003) e se insere no estudo da subjetividade e, para isso, utiliza o método cartográfico. A cartografia enquanto método de pesquisa visa cartografar as paisagens emergentes neste território de fronteira situado na cultura, especificamente, entre as relações de uma Igreja com movimentos organizativos de bairros no meio urbano contemporâneo.

Enquanto cartógrafos, buscamos identificar as marcas que dão movimento e sustentação aos processos educacionais, atentos aos elementos constitutivos do projeto pedagógico e às estratégias de sua implementação em um espaço e tempo bem delimitados. Em coerência com a metodologia escolhida, articulamos ao trabalho da cartografia as categorias utilizadas pela Análise do Discurso:

[...] a AD problematiza a atribuição de sentido(s) ao texto, procurando mostrar tanto a materialidade do sentido como os processos de constituição do sujeito, que instituem o *funcionamento discursivo* de qualquer texto (ORLANDI, 1987, p. 13, grifos do autor).

Deste modo, nosso trabalho de cartografia estava atento ao funcionamento da ideologia e do inconsciente na produção dos dados para a análise das marcas que constituem os territórios das experiências educacionais delimitadas nesta pesquisa.

O levantamento de dados para esta pesquisa ocorreu em diversas etapas: Primeiramente, pesquisamos a literatura utilizada pela Igreja Evangélica Batista do Calvário que expõe sua visão de mundo, suas concepções doutrinárias e, posteriormente, os materiais de suporte pedagógico que fundamentam as atividades grupo de voluntárias do Projeto Conhecendo Jesus. Por isso, coletamos documentos oficiais da Igreja, material didático ou qualquer outro tipo de material que pudesse contribuir significativamente para a compreensão dos fenômenos estudados. Contudo, houve dificuldade de acesso aos materiais produzidos pela própria Igreja, visto não haver nenhum tipo de arquivo geral dos mesmos. Por isso, utilizamos principalmente apostilas que ao longo do tempo obtivemos devido a nossa participação direta como membro da comunidade religiosa pesquisada. Por isso, julgamos necessário anexar ao trabalho as principais fontes documentais pesquisadas.

O referencial teórico foi escolhido durante o processo de elaboração da pesquisa, a partir do questionamento de como ocorre o desenvolvimento do processo educacional entre a Igreja Evangélica Batista do Calvário através do Projeto Conhecendo Jesus com outros setores da sociedade. Com isso, foi possível

situar o objeto de estudo e realizar no interior da investigação um diálogo com diversos autores que abordam as questões pertinentes ao processo educacional ocorrido no Projeto.

No capítulo I abordamos a contextualização da proposta pedagógica do Projeto Conhecendo Jesus, a cultura e o ethos prevalecente na Igreja Evangélica Batista do Calvário. Para isso, recorremos à literatura eclesial.

No capítulo II realizamos uma reflexão sobre as concepções de ensino e suas implicações na prática educacional da pedagogia tradicional, a partir Herbart; da pedagogia de projetos com John Dewey; e da educação libertária com Paulo Freire. Tais considerações conceituais visam fundamentar a análise do ensino e das práticas educativas vivenciadas no Projeto Conhecendo Jesus.

No capítulo III analisamos a produção de sentidos estabelecida a partir do que é ensinado através das histórias, recorremos as reflexões acerca da obra de Erasmo de Rotterdan (1978) e dos comentários acerca da Civilidade pueril por Revel (1991). Com isso, propomos um pano de fundo para a análise dos sentidos promovidos e suas implicações filosóficas e políticas do ensino moral das histórias. A partir disso, traçamos um panorama geral das histórias contadas pelas educadoras do Projeto, e se o conteúdo delas tem algum tipo de implicação na parceria entre o Projeto Conhecendo Jesus e a Prefeitura Municipal de Rio Claro.



Figura 1-Logotipo da camiseta do Projeto Conhecendo Jesus
Fonte: Projeto Conhecendo Jesus, [2008?].

CAPÍTULO I – AS IMPLICAÇÕES DA CULTURA E DA AÇÃO SOCIAL NA PROPOSTA PEDAGÓGICA

O presente capítulo contextualiza a proposta pedagógica do Projeto Conhecendo Jesus a partir dos aspectos culturais relativos a estrutura organizacional e doutrinária da Igreja Evangélica Batista do Calvário, de modo a evidenciar o discurso da instituição religiosa.

Primeiramente, é importante frisar, que o documento do Projeto Conhecendo Jesus, não se intitula como sendo uma proposta pedagógica, porém, optamos por assim designar, porque este, a partir de seus objetivos propõe possíveis soluções para dificuldades que, segundo o grupo de educadoras, precisam ser enfrentadas e superadas. Também estabelece a forma que as atividades serão desenvolvidas, quem serão os educadores, e o público alvo. Por fim, há uma reflexão do grupo de educadoras, expressando o sentimento do grupo em relação ao trabalho junto às crianças e adolescentes (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008]). Tais considerações assemelham-se muito ao que, Sonia Kramer (1997), designa por proposta pedagógica. Porém, a proposta pedagógica, como uma forma de expressão da condição humana, não é neutra (KRAMER, 1997). Pois, segundo a autora:

Uma proposta pedagógica é construída no caminho, no caminhar. Toda proposta pedagógica tem uma história que precisa ser contada. Toda proposta tem uma aposta. Nasce de uma realidade que pergunta e é também uma busca de uma resposta. Toda proposta é situada, traz consigo o lugar de onde se fala e a gama de valores que a constitui; traz também as dificuldades que enfrenta, os problemas

que precisam ser superados e a direção que a orienta. E essa sua fala é a fala de um desejo, de uma vontade eminentemente política no caso de uma proposta educativa, e sempre humana, vontade que, por ser social e humana, nunca é uma fala acabada, não aponta “o lugar”, “a” resposta, pois se traz “a” resposta já não é mais uma pergunta. Aponta, isto sim, um caminho a se construir (KRAMER, 1997, p. 03).

Assim, permeando as entrelinhas do documento há a cultura, os valores e a visão de mundo adotado pelos atores sociais envolvidos em sua elaboração. Portanto, a proposta pedagógica, traz em si, as características de uma cultura. Segundo Terry Eagleton (2005) a palavra cultura pode ser entendida com um sentido amplo, cujo significado antropológico abrange os valores e costumes de vida de um grupo específico. E é nesse sentido do termo que Geertz (1989) emprega, ao declarar por cultura:

um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio do qual os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 103).

Assim, a proposta pedagógica, como uma realização humana, historicamente situada, traz consigo, um ethos e uma visão de mundo. Geertz (1989) conceitua ethos numa perspectiva antropológica que abarca os valores morais e estéticos de uma dada cultura, ou seja, é o que direciona as ações de um povo. Segundo o mesmo autor, visão de mundo é uma forma de compreender cognitivamente a realidade natural e social das coisas. É um recorte que se faz da realidade, uma forma de compreender o mundo através dos valores, ou melhor, do ethos. Dessa forma:

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo “visão de mundo”. O ethos de um povo é o tom, o caráter e qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. (GEERTZ, 1989, p. 143, grifos do autor).

A estrutura organizacional e doutrinária de uma igreja reflete o ethos e a visão de mundo estabelecida por uma determinada religião. Assim, a partir de princípios de um sistema simbólico de valores morais, éticos e estéticos uma determinada

religião dispõe a forma de ser e estar no mundo. Na perspectiva de Geertz (1989), religião é:

(1) sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as condições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 104-105, grifos do autor).

Geertz (1989) expressa primeiramente que a religião é um sistema de símbolos. E neste caso, símbolos: “[...] são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de idéias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças” (GEERTZ, 1989, p. 105). Um sistema de símbolos forma padrões culturais, estes dão, não somente sentido a realidade interior e exterior ao indivíduo como também o conformam a eles. Usando o termo de Geertz (1989), modela o indivíduo a um conjunto de disposições que o impulsionam a agir de uma determinada maneira de acordo com a circunstância vivenciada.

A fim de compreender o sistema de símbolos da Igreja Evangélica Batista do Calvário, e como estes se relacionam com as motivações e as práticas do Projeto Conhecendo Jesus, abordaremos, ainda que sucintamente, sua estrutura organizacional e doutrinária.

1.1 A Igreja Evangélica Batista do Calvário – Aspectos organizacionais

A Igreja Evangélica Batista do Calvário é uma organização civil, situada no interior paulista, na cidade de Rio Claro, na avenida 20-A, nº 230/240, no bairro da Vila Indaiá. Sua membresia é composta por aproximadamente 1300 membros cadastrados e cerca de 3000 frequentadores em seus cultos semanais. A mesma foi fundada em 09.06.1966 pelo Pr. Dr. Reynaldo Prestes Nogueira, e desde 2000, é pastoreada pelo Pr. Profº Nilson Martin Dias.

O sistema eclesiástico de governo da denominação batista é congregacional, ou seja, cada igreja local é regulamentada por normas próprias, independentes de qualquer jurisdição externa, porém, sempre submissa às determinações legais

vigentes no país. Por isso, de acordo com seu estatuto social (2004), a Igreja Evangélica Batista do Calvário, é uma associação civil, de natureza religiosa, sem fins lucrativos, cuja expressão de sua manifestação religiosa segue os princípios bíblicos explicitados em sua profissão de fé.

Administrativamente, de acordo com o estatuto social (2004), a igreja é organizada por uma diretoria, cujo diretor-presidente é o pastor da igreja sede. Os 1º e 2º vice-presidentes, os 1º e 2º secretários, bem como o tesoureiro geral, são eleitos em assembléia geral ordinária e empossados imediatamente. Tem o mandato de um ano, podendo ocasionalmente ser permitida a recondução e permanência dos mesmos em seus cargos até a posse de seus substitutos (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – ESTATUTO SOCIAL, 2004). A assembléia geral é chamada de sessão regular ou ordinária, que pode ocorrer a cada trimestre ou quando se faz necessária, e somente os membros da igreja tem direito a voto. Nela, há a votação de assuntos, tais como:

[...] recebimento de novos membros através de profissão de fé e batismo. Carta de transferência, reconciliação ou por aclamação. Exclusão de membros por vários motivos. Aprovação de relatórios financeiros. Compra e venda de terrenos ou edifícios, reformas e construções. Eleição anual da diretoria e comissões. Mudança do estatuto. Outros assuntos de interesse da igreja (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - CLASSE DE BATISMO, [2007], p. 21).

Para ser membro da referida igreja é necessário que o sujeito, esteja não somente de acordo com as normas estatutárias como também professe a fé na Bíblia como Palavra de Deus e na Santíssima Trindade. Eis a profissão de fé da denominação:

I –Bíblia Sagrada, como única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão; II – em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, o Filho e o Espírito Santo; III - na liturgia da igreja, em suas diversas formas e práticas, suas doutrinas, costumes e captação de recursos (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – ESTATUTO SOCIAL, 2004, p. 02).

Max Weber (1967) corrobora a afirmação da autoridade da Bíblia como sendo única e indiscutível, mesmo entre os batistas dos séculos XVI e XVII. Essa autoridade bíblica era fundamentada no fato de que as revelações de Deus pelos antigos profetas e apóstolos não se esgotava, visto que o Espírito Santo ensina a todos quantos queiram ouvi-lo. E através da íntima relação do Espírito, este fala ao indivíduo, convertendo-o.

Somente a “luz interior” da contínua revelação podia habilitar alguém a entender verdadeiramente até mesmo as revelações bíblicas de Deus. [...] Sem a luz interior, o homem natural, mesmo aquele guiado pela razão natural, permanecia puramente uma criatura de carne, cuja impiedade era condenada pelos batistas (WEBER, 1967, p. 104).

E, embora, a questão crucial para ser membro não esteja assentada sobre o pilar da conduta moral do indivíduo, é necessário ter um estilo de vida moralmente aceito pela instituição (WEBER, 1982). Pois, conforme consta no estatuto social, no capítulo III, no parágrafo único, somente serão aceitos como membros da igreja pessoas casadas legalmente:

No que diz respeito a casais, só serão admitidos no quadro de membros-associados da igreja aqueles que estiverem em comunhão plena de vida, conforme definição estabelecida no artigo 1.511 do Novo Código Civil (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - ESTATUTO SOCIAL, 2004, p. 02).

Portanto, para ser membro da Igreja Evangélica Batista do Calvário, é primordial que haja a conversão, a aceitação da salvação dada, pela graça, através da morte e ressurreição de Jesus Cristo. E a partir do momento da conversão, o sujeito adere explicitamente não somente aos valores de uma fé religiosa, internalizando-os como também se filia a uma determinada comunidade religiosa. Pois, a socialização dentro do contexto eclesial colabora para que a internalização dos princípios apreendidos a partir da conversão sejam fortalecidos. De acordo com Peter Berger (1997):

Somente dentro da comunidade religiosa, a *eclésia*, a conversão pode ser efetivamente mantida como plausível. Isto não significa negar que a conversão pode antecipar-se à filiação a uma comunidade. Saulo de Tarso procurou a comunidade cristã *depois* de sua “experiência de Damasco”. Mas não é esta a questão. A coisa mais importante é ser capaz de conservá-la, levando-a a sério, mantendo o sentimento de sua plausibilidade. É *aqui* onde entra a comunidade religiosa, Esta fornece a indispensável estrutura de plausibilidade para a nova realidade (BERGER, 1997, p. 174, grifos do autor).

A internalização é um processo pelo qual o sujeito é introduzido num sistema cultural por meio da socialização, conforme explica Berger (1997):

Dito de maneira mais precisa, a interiorização, no sentido geral constitui primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido (BERGER, 1997, p. 174).

A interiorização pode ocorrer de duas formas, pela socialização primária e secundária. A socialização primária ocorre na infância, período em que a partir do seio familiar, o sujeito construirá a consciência de si e do outro: “A socialização primária cria na consciência da criança uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes em geral” (BERGER, 1997, p. 179). A consciência do e no mundo não é universal, pois muda de acordo com as sociedades, os períodos históricos sociais. Tendo em vista que a socialização não ocorre, em absoluto, na esfera privada ou familiar, há, então, a incidência da socialização secundária.

Por meio da socialização secundária, há internalizações de outros ambientes sociais, ou seja, na esfera pública. “A socialização secundária é a interiorização de ‘submundos’ institucionais ou baseados em instituições” (BERGER, 1997, p. 184-185). Através das instituições o sujeito compreende alguns papéis e funções sociais, como por exemplo: Através da igreja, como instituição, o sujeito compreende que o pastor é uma autoridade religiosa responsável legalmente por uma igreja cristã e ao mesmo tempo, cumpre um chamado divino para exercer o ministério pastoral (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – CLASSE DE MINISTÉRIOS, [2008], p. 3-4).

Assim, a socialização acontece dentro do contexto de uma estrutura social, neste caso, a instituição é a Igreja Evangélica Batista do Calvário. Nela é possível observar como a socialização secundária pode ser um dos meios pelos quais o sujeito interioriza padrões culturais, cujo arcabouço simbólico norteará sua disposição. Pois, em conformidade com Geertz (1989): “Uma disposição descreve não uma atividade ou uma ocorrência, mas uma probabilidade da atividade ser exercida ou de a ocorrência ser realizada em certas circunstâncias” (GEERTZ, 1989, p. 108).

Podemos observar, por exemplo, o processo de socialização, no interior da Igreja Evangélica Batista do Calvário, através da finalidade da instituição, proferida em seus documentos, a saber: “Ganhar vidas para Jesus e fazê-las membros de sua família, ajudá-las a crescer através do discipulado e enviá-las ao mundo com o propósito de glorificar a Deus” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - ESTATUTO SOCIAL, 2004, p. 02). E para isso, a igreja (membro) é inserida, em alguns círculos de compromisso, entre eles estão: os ministérios, o evangelismo e o discipulado.

O serviço ou ministérios é uma forma de expressar o amor ao próximo, ao realizar ações que ajudem outras pessoas em suas necessidades. Embora o ministério seja uma forma de servir a Deus em retribuição ao seu amor é também uma obrigação, um dever do cristão.

O QUE É MINISTÉRIO? Definição: Diácono. (Grego: diakonos = servo, ministro / que está a serviço de alguém). O que serve por amor. (Grego: doulos = escravo, servo / servo submetido a alguém / submisso). O que serve por obrigação, por dever. Ministério é usar tudo o quanto Deus me tem dado para servir a Ele e as necessidades dos outros com amor (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - CLASSE DE MINISTÉRIOS, [2008], p. 02).

De acordo com a literatura da Igreja Evangélica Batista do Calvário o evangelismo é o cumprimento parcial da grande comissão, cuja passagem bíblica se encontra no Evangelho de Mateus, no capítulo 28 e nos versos 19 a 20. Esses versículos referem-se à ordem dada por Jesus, antes de sua ascensão, de pregar o evangelho: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes tenho mandado” (BÍBLIA NOVA VERSÃO INTERNACIONAL, 2001, p. 1317). O discipulado, por sua vez, cumpre a parte final da grande comissão ao promover o ensino na Palavra de Deus entre as pessoas que foram evangelizadas e batizadas, acompanhando o seu desenvolvimento durante a caminhada cristã, para que estes se tornem cristãos maduros na fé. Portanto, através do serviço, do evangelismo e do discipulado a igreja cumpre o imperativo de proclamar as boas novas do Reino de Deus e ensinar a Palavra de Deus (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - CLASSE DE MATURIDADE CRISTÃ, [2008]).

A socialização dentro do contexto institucional da Igreja Evangélica Batista do Calvário é internalizada quando a perspectiva institucional exposta se torna a perspectiva do sujeito ou do grupo, neste caso o Projeto Conhecendo Jesus. Pois, segundo as educadoras, o grupo é considerado como um ministério que atua em favor de crianças carentes ao:

[...] levar a palavra de Deus a crianças, cujo atendimento familiar/social recebidos estava muito aquém do desejável, do necessário, do fundamental (de acordo com a Bíblia) para a formação das mesmas (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado).

E, embora, a proposta pedagógica do Projeto Conhecendo Jesus não enfatize explicitamente a evangelização, ela o faz ao cumprir a ordenança bíblica, tanto da

grande comissão como do imperativo bíblico no livro de Provérbios, capítulo 22, verso 6 que diz: “Ensina a criança no caminho que ela deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele” (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado).

1.2 A IEBC – Alguns aspectos doutrinários

Um dos principais valores doutrinários dos batistas se refere à doutrina da salvação. De acordo com o credo oficial da Igreja Evangélica Batista do Calvário, a salvação é dada por meio da graça de Deus ao homem, a fim de restaurar a comunhão perdida pelo pecado. Embora, a salvação não dependa do esforço humano, é necessário que o homem aceite a salvação, livremente, mediante a fé, por meio da graça em Cristo Jesus.

A salvação é uma dádiva graciosa de Deus para nós. Mas nós precisamos aceitá-la. Nunca poderemos nos livrar do pecado através das boas obras ou melhora de comportamento. Só confiando em Jesus como oferta de Deus para o perdão, a pessoa é salva da condenação dos pecados. Quando deixamos nossa vida desregrada e nos voltamos para Jesus através da fé, somos salvos. A vida eterna começa no momento em que recebemos Jesus, pela fé, em nossa vida – Rm 6.23, Ef 2.8,9; Jo 14.6 Tt 3.5; Gl 3.26; Rm 5.1 (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - CLASSE DE BATISMO, [2008], p. 16).

Outra doutrina importante é a respeito do batismo. Os batistas são conhecidos por não batizarem crianças e por rebatizarem todas as pessoas que não foram batizadas por imersão nas águas, em igrejas cristãs. Documentos da Igreja Evangélica Batista do Calvário declaram que o motivo de não serem batizadas crianças com idade inferior a sete anos é que estas ainda não conseguem distinguir o ato do batismo como um sinal exterior do arrependimento pessoal dos pecados e da confissão pública do seu compromisso pessoal com Cristo. Para essa Igreja, o batismo é a declaração pública da fé que ocorreu no momento da conversão. Simboliza a morte para os padrões mundanos e um novo viver segundo a vontade de Deus.

Por que não batizamos crianças? O batismo ministrado é o mesmo de João: Batismo para arrependimento. Uma criança menor de 7

anos não saberá discernir este ato. Portanto, para serem batizados, os maiores de 7 anos precisam demonstrar que entendem o ato, tenham convicção de sua salvação e desejam de livre e espontânea vontade se batizarem (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - CLASSE DE BATISMO, [2008], p. 06, grifos do autor).

Segundo Max Weber (1967), a doutrina da salvação estava ligada a conduta ética na prática de boas obras, do movimento batista, no século XVII. Pois, as motivações das boas obras estavam relacionadas como consequência da salvação através da graça, não por mérito, mas, como resultado daqueles que seguindo os ditames da consciência poderiam considerar-se redimidos. “As boas obras eram uma causa *sine qua non* neste sentido” (WEBER, 1967, p. 105, grifos do autor). Portanto, as boas obras não confirmam a salvação do convertido, são antes, uma consequência de quem foi salvo.

1.3A ação social: A manifestação do discurso religioso no Projeto Conhecendo Jesus

Podemos considerar que através do contexto social é que ocorre pelos sujeitos, a difusão e a apropriação da cultura, atribuindo-lhes novos significados. Segundo Geertz (1989), o sujeito, ao interpretar a cultura na qual está inserido, faz uso de metáforas a fim de redimensionar os códigos estabelecidos. E a partir disso, inferimos que ocorre a sua ação social. No entanto, denominamos ação social, no sentido atribuído por Max Weber (1997), no qual “o sentido intentado pelo agente ou pelos agentes está referido ao comportamento de *outros* e por ele se orienta no seu decurso” (WEBER, 1997, p. 21, grifos do autor). Ou seja, o sentido de ação é subjetivo e atrelado aos valores e expectativas de outrem. Contudo, embora o sujeito ao se apropriar da cultura, reinterprete-o concedendo-lhe outros significados, todo o significado possível será norteadado pelo vínculo da cultura dominante. Com isso, a ação social permanece com o sentido, ainda que redimensionado, mas orientado pela cultura.

A ação social das educadoras do Projeto Conhecendo Jesus é decorrente, em parte, da própria declaração da Igreja, que afirma se dispor a promover ações sócio-educativas, de caráter filantrópico e sem fins lucrativos, em parceria com

outras organizações civis: “[...] voluntariamente, prestar e receber cooperação financeira e espiritual, mui especialmente na realização de obras de caráter missionário, social e educacional, tais como asilo, orfanato, presídio etc” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – ESTATUTO SOCIAL 2004, p. 01).

Desta forma, podemos considerar que a partir do contexto cultural estabelecido pela e na Igreja Evangélica Batista do Calvário, é que um grupo de sete mulheres em 2005, mediante a prévia aprovação do pastor titular da Igreja, tiveram sua disposição (GEERTZ, 1989) organizada em função da ação social envolvida, para **“fazer a vontade de Deus. Fazer O que, Como e Onde Deus quisesse realizar esse trabalho”** (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado, grifos do autor). Cujas ação social é diretamente vinculada a um dos objetivos principais da igreja local, que é: “Ganhar vidas para Jesus e fazê-las membros de sua família” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - CLASSE DE BATISMO, [2008], p.11, grifos do autor).

Além disto, tendo em vista que a ação social das educadoras é atrelada ao padrão cultural proposto pela Igreja Evangélica Batista do Calvário, o discurso proferido na proposta pedagógica é resultante da apropriação de um discurso anterior, ou seja, o discurso da própria instituição religiosa. Assim, sem deixar de ter sua autoria especificada, a origem do discurso no documento não repousa simplesmente naqueles que o proferem, mas em tudo aquilo que o antecede, o circunda. Por isso, segundo Foucault (1971), o começo de um discurso é proferido antes que qualquer palavra seja falada ou escrita, visto que o discurso é um prolongamento de um pensamento, não sendo produzido exclusivamente pelo sujeito, mas por todo um processo histórico-social que o perfaz. Por isso, também Orlandi (1987) expressa que não há um discurso, mas um processo discursivo, que é conectado a outros discursos.

É preciso dizer que todo discurso nasce de outro discurso e reenvia a outro, por isso não se pode falar em um discurso, mas em estado de um processo discursivo, e esse estado deve ser compreendido como resultando de processos discursivos sedimentados, institucionalizados (ORLANDI, 1987, p. 26).

Ainda de acordo com Orlandi (1987), o discurso não é o que é dito, mas o que permeia as entrelinhas das palavras, tudo que perpassa a interação entre os interlocutores e o seu contexto histórico social. Por essa perspectiva, a produção de sentidos, depende em parte, de suas condições de produção, ou seja, dos

interlocutores do discurso, estes, pertencem a uma época e a um contexto social próprio, que influencia sua visão de mundo e sua ação social.

[...] considero o discurso (M. Pêcheux, 1969) não como transmissão de informação, mas como *efeito de sentido entre interlocutores*, enquanto parte do funcionamento social geral. Então, os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, i. e., as condições de produção, constituem o sentido da sequência verbal produzida. Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para o outro alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação (ORLANDI, 1987, p. 26, grifos do autor).

Porém, para Foucault (1971), há procedimentos de controle na produção no interior do discurso, que entre eles existe o autor. Porém, Foucault não se refere, como em nosso caso, ao grupo de educadoras que elaborou a proposta pedagógica, “mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1971, p. 26). Assim, o discurso na proposta pedagógica tem origem, entre várias possíveis conexões, ao discurso religioso da Igreja Evangélica Batista do Calvário. Tal inferência é possível observar pelos objetivos contidos na proposta pedagógica do Projeto Conhecendo Jesus que enfatiza o ensino da Palavra de Deus, ao propor:

1. Estimular crianças e adolescentes a:
 - conhecerem a Bíblia;
 - conhecerem os propósitos de Deus para suas vidas;
 - buscarem na palavra de Deus orientação para cada situação enfrentada;
 - desenvolverem a fé e a esperança em Deus.
 (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado).

Esta é uma perspectiva que tem sua origem no discurso da própria Igreja Evangélica Batista do Calvário, que tem, segundo seu estatuto, “por finalidade principal a propagação do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - ESTATUTO SOCIAL, 2004, p. 01).

No entanto, todo aquele que escreve algo, o faz na posição de autor, desde aquilo que escreve ou que deixa de escrever. A forma como o autor dispõe as informações sobre o que escreve e sobre si mesmo faz parte do jogo do autor. Isso pode ser mais claramente explicitado quando no esboço na proposta pedagógica ([2007]), a justificativa do Projeto Conhecendo Jesus era baseada principalmente no déficit social a que são sujeitas muitas famílias.

JUSTIFICATIVA. “Disse Jesus: Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei”. Diante da vulnerabilidade social, física e psicológicas a que estão expostas as crianças e adolescentes, cujas famílias deixam de suprir plena e adequadamente suas necessidades em razão de atividades laborais e dificuldades sócio-econômicas, torna-se relevante à continuidade do trabalho já desenvolvido em projetos sociais voltado para a garantia de direitos da criança e do adolescente, bem como, o investimento na área humana, com dedicação especial de amor, alcançando assim como consequência à família como um todo (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2007], não paginado, grifos do autor).

Porém, na versão final da proposta pedagógica a questão do déficit social não é abordado com tanta clareza, porém, a idéia ainda fica subentendida quando o objetivo principal do projeto é: “Levar crianças e adolescentes ao conhecimento da Palavra de Deus e, através desse conhecimento, resgatá-los da situação de risco e fragilidade em que vivem para uma vida mais feliz, mais alegre e saudável” (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado).

Além disto, há outros pontos que reforçam a questão do déficit social, como o público alvo e os locais onde o projeto tem sido realizado. De acordo com documentos do Projeto Conhecendo Jesus, as atividades são direcionadas a 450 crianças e adolescentes, de 6 a 18 anos de idade, que em geral, são moradas em bairros da periferia do município de Rio Claro: Bairro Jardim Guanabara, Bairro Jardim São João, Jardim das Flores. Nessas localizações há uma associação de bairro e diversos centros de convivência da Prefeitura que oferecem assistência a crianças e adolescentes. Porém, o Projeto Conhecendo Jesus também realiza atividades na zona central, como na Sociedade Beneficente São João da Escócia – Casa das Crianças. Todavia, em geral, as crianças também são oriundas de bairros mais afastados do centro como do Bairro Jardim Brasília I e II, Bairro Terra Nova (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008]).

Em suma, o ser humano nasce em uma determinada cultura e a partir dela inicia-se um processo socialização, ou seja, de aprendizagem e de interiorização de padrões culturais (GEERTZ, 1989). Assim, não se nasce membro de uma igreja, antes o sujeito se torna membro, a partir do processo de socialização. Este pode se iniciar no âmbito privado, quando os pais ensinam suas crianças de acordo com os preceitos da religião ao qual pertencem; ou já na esfera pública, quando o sujeito passa a ter conhecimento de uma determinada cultura, como a religiosa. E a partir da interiorização da cultura, o sujeito terá suas disposições direcionadas de acordo

com uma ação social determinada. Neste caso, o grupo de educadoras tem como foco de socialização secundária, a Igreja Evangélica Batista do Calvário. Os valores e o ethos dessa cultura religiosa é que nortearam sua ação social. Em coerência com isso, a disposição que as impulsiona na empreitada da elaboração e manutenção do Projeto Conhecendo Jesus provém da interiorização da Palavra de Deus e do ensino doutrinário que envolve a Igreja Evangélica Batista do Calvário.

CAPÍTULO II – AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS E O FAZER EDUCATIVO

Inicialmente neste capítulo, traçamos um paralelo entre três perspectivas educacionais: A pedagógica tradicional, a partir de Friedrich Herbart; a pedagogia nova com John Dewey e seus posteriores desdobramentos na pedagogia de projetos, e a pedagogia libertadora com Paulo Freire. A exposição dessas tendências educacionais nos proporciona subsídios conceituais para a análise da forma de ensino exercida pelas educadoras da Igreja Evangélica Batista do Calvário. Para isso, realizamos uma descrição comparativa entre a prática de ensino no interior da igreja, especificamente, o realizado pelo departamento infantil e a prática de ensino no Projeto Conhecendo Jesus.

2.1. Pedagogia Tradicional

A pedagogia tradicional tem suas raízes fundamentadas na pedagogia liberal, está surgiu no final do século XVII, depois da burguesia ter conquistado o poder econômico e lutava contra a nobreza e o clero pelo poder político. Neste jogo de poder a classe em ascensão utilizou-se dos ideias liberais, cuja perspectiva humanística foram difundidas através do lema: liberdade, igualdade e fraternidade. Com a decadência do antigo regime houve também a mudança de mentalidade da estrutura da sociedade, agora, a posição social, já não mais seria hereditária, mas cada cidadão pelo seu próprio mérito e talento tinha o direito a ascensão social como retorno de suas potencialidades desenvolvidas. A visão burguesa de igualdade de direito a todos os cidadãos tinha como objetivo a manipulação, pacificação e conformização das camadas populares para a consolidação de seu poder político econômico (SAVIANI, 1985).

Neste contexto, surge a pedagogia liberal, que viria consolidar os valores burgueses através da educação. Assim, caberia ao ensino escolar transformar o

antigo súdito, plebeu e escravo em cidadão, em consonância com o novo modelo de sociedade estabelecido. O caráter informativo e formativo desta educação prepararia os indivíduos para continuar a exercitar os mesmos papéis sociais já estabelecidos, servindo de base para a continuidade dos privilégios, agora não mais para nobreza, mas para a burguesia. Segundo Libâneo (1996):

Para superar a situação de opressão era necessário fornecer para todos, a fim de vencer a ignorância e transformar os súditos em cidadão livres e esclarecidos. A escola se organiza, então, para difundir a instrução, para transmitir conhecimentos. Essa é a fase da pedagogia liberal corresponde à escola tradicional, na sua versão de escola transmissora da cultura acumulada pelas gerações anteriores (LIBÂNEO, 1996, p.63).

Assim, o papel da escola na pedagogia tradicional consiste na estratificação da estrutura social, ao preparar o aluno para assumir sua posição na sociedade, e não de transformá-la. Com isso, “na pedagogia tradicional, a didática é uma disciplina normativa, um conjunto de princípios e regras que regulam o ensino” (LIBÂNEO, 1994, p.64). Os conteúdos de ensino são ordenados pelo poder vigente, que para manutenção de seu “status quo” transmite uma cultura geral, de forma intelectualista e sem contextualização histórico social dos mesmos.

Neste contexto, cabe ao professor transmitir o conhecimento, de preferência através de aulas expositivas. Do aluno é esperado que se empenhe em seus estudos, e que pelo esforço e mérito próprio alcance o conhecimento dado, superando quaisquer dificuldades de aprendizagem. Caso contrário tal aluno deve procurar um ensino profissionalizante, visto que seu fracasso escolar é responsabilidade única e exclusivamente seu, não sendo cabível transferi-la para a escola ou para o professor, conforme explica Libâneo (1996):

Papel da escola – A atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir sua posição na sociedade. O compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade. O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde se esforcem. Assim, os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades e conquistar seu lugar junto aos mais capazes. Caso não consigam, devem procurar o ensino mais profissionalizante (LIBÂNEO, 1996, p.23).

Além disto, o relacionamento professor-aluno é impessoal, hierárquico e autoritário. Ao aluno cabe submeter-se aos ensinamentos do professor de forma inquestionável e inabalável na validade dos conceitos e valores por ele transmitidos.

A disciplina em sala de aula deve ser uma constância a ser seguida sem qualquer tipo de ato subversivo a ordem estabelecida na sala e na escola. Assim, o autoritarismo repressor do professor disciplinaria com rigor qualquer aparente manifestação de discordância no ambiente escolar. Esse tipo de relação reflete diretamente no comportamento do cidadão que o capitalista burguês, ocorre somente a reprodução autoritária do professor para o patrão e do aluno para o empregado. Portanto, a pedagogia tradicional é coerente com a proposta burguesa de sociedade capitalista (LIBÂNEO, 1996).

De acordo com Ghiraldelli (2001) a pedagogia tradicional emergiu no cenário brasileiro no período da Primeira República (1889-1930) e estava vinculada a intelectuais das oligarquias dominantes e da Igreja Católica. Segundo Libâneo (1996), os princípios gerais da pedagogia tradicional são seguidos pelas escolas leigas ou religiosas conforme declara:

A pedagogia liberal tradicional é viva e atuante em nossas escolas. Na descrição apresentada aqui incluem-se as escolas religiosas ou leigas que adotam uma orientação clássico-humanista ou uma orientação humano-científica, sendo que esta se aproxima mais do modelo da escola predominante em nossa história educacional (LIBÂNEO, 1996, p.25).

Um dos principais expoentes da pedagogia tradicional é Johann Friedrich Herbart (1776-1841). Esse teórico através de bases científicas, influenciou a psicologização da educação, a fim de afirmar a “pedagogia como ciência da educação” (GHIRALDELLI, 2001, p. 21). Herbart teorizou o processo de ensino-aprendizagem a partir de cinco passos, a saber: preparação, apresentação, assimilação, generalização e aplicação. De acordo com Saviani (1985), o primeiro passo, é o da preparação, através do qual há a recordação do que foi ensinado anteriormente. O segundo passo é o da apresentação do novo conteúdo, que por consequência ocorre o terceiro passo, que por meio da comparação dos conteúdos ensinados o aluno se torna capaz da assimilação de novos conhecimentos.

O passo da preparação significa basicamente a recordação da lição anterior, logo, do já conhecido; através do passo da apresentação, é colocado diante do aluno um novo conhecimento que lhe cabe assimilar; a assimilação, portanto o terceiro passo ocorre por comparação, daí o porquê eu o denominei assimilação-comparação – a assimilação ocorre por comparação do novo com o velho; o novo é assimilado, pois, a partir do velho. Esses três passos correspondem, no método científico indutivo, ao momento da

observação. Trata-se de identificar e destacar o diferente entre os elementos já conhecidos (HERBART, apud, SAVIANE, 1985, p.55).

No passo da generalização, espera-se que o aluno, por meio da assimilação-comparação-assimilação, seja capaz de realizar generalizações a partir de um conhecimento específico. “O passo seguinte, o da generalização, significa que, se o aluno já assimilou o novo conhecimento, ele é capaz de identificar todos os fenômenos correspondentes ao conhecimento adquirido” (HERBART, apud, SAVIANE, 1985, p.55).

O último passo corresponde ao da aplicação, que na visão de Herbart significa a realização da lição de casa. Nesse momento, o aluno ao fazer os exercícios retomará o processo de comparação-assimilação-comparação. Caso, consiga assim, proceder, será indício que tal aluno apreendeu suficientemente a matéria ensinada. Porém, na aula seguinte, há recapitulação dos ensinamentos através da correção da lição.

O passo da aplicação, que é o quinto passo do método herbartiano, coincide, via de regra, com as “lições para casa”. Fazendo os exercícios, o aluno vai demonstrar se ele aprendeu, se assimilou ou não o conhecimento. Trata-se de verificar através de exemplos novos, não manipulados ainda pelo aluno, se ele efetivamente assimilou o que foi ensinado. Corresponde, pois, ao momento da confirmação, no caso do método científico, uma vez que, se o aluno aplicou corretamente os conhecimentos adquiridos, se ele acertou os exercícios, a assimilação está confirmada. Pode-se afirmar que ao ensino correspondeu uma aprendizagem. Por isso, a preparação da lição seguinte começa com a recapitulação da anterior, o que é feito normalmente mediante a correção da lição de casa (HERBART, apud, SAVIANE, 1985, p.55-56).

Para Herbart (SAVIANI, 1985), esses passos formais do ensino remetem aos três estágios do desenvolvimento do caráter. O primeiro é o relativo a predominância da emotividade da criança, e por consequência de sua impulsividade. Em seguida, há o estágio no qual a criança apresenta condições de assimilar a educação formal. No último estágio, a criança conseguiria generalizar, e “[...] estaria apta a julgamentos e conceitos universais” (GHIRALDELLI, 2001, p. 21).

A tendência pedagógica tradicional é considerada por Libâneo (1996) como acrítica porque: “não questiona a implicação dos determinantes socioestruturais da educação, compreendendo o fenômeno educativo nele mesmo” (LIBÂNEO, 1996, p.62). O individualismo reforça a idéia de responsabilidade pessoal do fracasso escolar e social, isentando a escola e a sociedade pelas desigualdades existentes e atuantes durante todo o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

2.2 O movimento da escola nova e a Pedagogia de Projetos

No Brasil o movimento da Escola Nova teve profundas repercussões, principalmente através dos impactos das pesquisas de Dewey nos Estados Unidos. Segundo Ghiraldelli (2001) em meados dos anos 20, Anísio Teixeira foi um dos reformadores que lideraram o movimento da Escola Nova, juntamente com outros reformadores da época, como Fernando de Azevedo. Eles ficaram conhecidos como profissionais da educação, e tiveram forte influência no âmbito educacional brasileiro, principalmente através das reformas estaduais nos sistema de ensino. Eles foram participantes da elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova publicado em março de 1932.

Este documento se tornou um marco histórico na educação brasileira, por ser uma das principais representações históricas de movimentos pela educação no Brasil. Nele se discute a necessidade de uma reforma nacional na estrutura organizacional e metodológica da educação, em todos os níveis. Para se contrapor ao sistema de ensino tradicional e elitista o Manifesto propunha que a hierarquização social fosse baseada nas potencialidades do indivíduo, e que por meio delas se alcançasse ou não a mobilidade social (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, apud, GHIRALDELLI, 2001).

Historicamente, o Movimento da Escola Nova tem uma trajetória teórica diversificada, decorrente da multiplicidade de experiências educacionais a partir do final do século XIX e início do século XX. Segundo Manacorda (2006), a Escola Nova pauta-se numa educação ativa, voltada, para os interesses dos alunos, enfatizando os métodos de trabalho em grupo. No escolanovista, a interação do educando no ambiente escolar era essencial, por isso, a escola precisava ser um espaço participativo, livre e democrático, onde o educando desfrutasse de liberdade. Ghiraldelli (2001), sintetiza os aspectos gerais do escolanovismo ao dizer que:

O movimento da Escola Nova enfatizou os “métodos ativos” de ensino-aprendizagem, deu importância substancial à liberdade da criança e ao interesse do educando, adotou métodos de trabalho em grupo e incentivou a prática de trabalhos manuais nas escolas; além disso, valorizou os estudos de psicologia experimental e, finalmente,

procurou colocar a criança (e não mais o professor) no centro do processo educacional (GHIRALDELLI, 2001, p. 25).

A corrente pedagógica de John Dewey (1859-1952) é uma das vertentes do Movimento da Escola Nova nos Estados Unidos conhecida como pedagogia pragmática ou progressiva (LIBÂNEO, 1994). Sua concepção teórica teve grande influência na sociedade americana e, posteriormente na década de 20, seus escritos também tiveram forte repercussão no Brasil (GHIRALDELLI, 2001).

De acordo com Libâneo (1994), a pedagogia pragmática de Dewey era uma reação contra a pedagogia tradicional e por consequência aos cinco passos do processo de ensino, propostos por Herbart. Em contrapartida, Dewey formulou os passos para o funcionamento do raciocínio indutivo, cujos aspectos psicológicos como o interesse e a motivação eram condição necessária para o aprendizado. Segundo Ghiraldelli (2001), esses passos fundamentavam-se na:

[...] tomada de consciência do problema, análise de elementos e coleta de informações, sugestões para as soluções do problema – hipóteses, desenvolvimento de sugestões apresentadas e experimentação; recusa ou aceitação das soluções (GHIRALDELLI, 2001, p. 25).

Para Dewey (1959) a educação é imprescindível para vida, por meio dela ocorre um processo de auto-renovação da própria existência social: “A educação é para vida social aquilo que a nutrição e a reprodução são para a vida fisiológica” (DEWEY, 1959, p. 02). Assim, a educação não faz parte da vida, mas é a própria vida, e por isso, o autor confere muita ênfase na interação do sujeito com situações de vivências sociais. Visto que o ambiente de vivência social é um ambiente educativo, pois:

O meio social consiste em todas as atividades de seres semelhantes intimamente associados para a realização de seus fins comuns. Ele é verdadeiramente educativo em seus efeitos, na medida em que o indivíduo participa de alguma atividade conjunta. Contribuindo com sua parte na atividade associada, o indivíduo adota os fins que a estimulam, familiariza-se com seus métodos e materiais, adquire a necessária habilidade e impregna-se de seu modo de sentir (DEWEY, 1959, p. 24).

Desta forma, a educação é uma consequência da interação do sujeito com o meio; visto que a criança aprende por si mesmo, e de acordo com seu crescimento e desenvolvimento ela desenvolve suas potencialidades. O enfoque pedagógico Dewey (1959) vê, metaforicamente, a escola como um laboratório onde por meio do contato e da manipulação de materiais são fornecidos os conhecimentos científicos

necessários a sua formação. Sob esse prisma, a escola deve ser o local que valorize e estimule as experiências e os interesses individuais e coletivos dos alunos. O trabalho escolar deve ter como foco o aluno e sua ativa participação em grupos de interesses; para que assim, os alunos tenham autonomia sobre os assuntos a serem estudados e possam participar democraticamente de deliberações no cotidiano escolar. De acordo com Dewey (1959):

Para a plena eficiência, as escolas precisam de mais oportunidades para atividades em conjunto, nas quais os educandos tomem parte, a fim de compreenderem o *sentido social* de suas próprias aptidões e dos materiais e recursos utilizados (DEWEY, 1959, p. 43, grifos do autor).

Além disto, Dewey orientou várias experiências de inovações pedagógicas, uma delas foi de H. W. Kilpatrick através da chamada pedagogia de projetos ou “método dos projetos” (MANACORDA, 2006, p. 312). Para Kilpatrick (1974) as mudanças na sociedade, no âmbito das relações familiares, de trabalho e na política geram o enfrentamento de novos julgamentos sobre a vida moral. Com isso, novas formas de educação são necessárias, pois as antigas formas de ensino, corresponderam às necessidades de épocas passadas, que para a atualidade não serão tão adequadas:

Nossos tempos estão mudando e, sob certos aspectos, ao menos, como jamais mudaram. Essa mudança apresenta exigências novas à educação. E a educação precisa mudar muito para atender à nova ordem das coisas (KILPATRICK, 1974, p. 14, grifos do autor).

E uma das características da sociedade em mudança é o pensamento baseado na experiência. Assim, a experimentação se tornou a fonte do conhecimento com aplicabilidades mais imediatas em detrimento de possíveis soluções fundamentadas na força da argumentação, e cujas abstrações não poderiam ser comprovadas empiricamente, conforme expõe Kilpatrick (1974):

O desenvolvimento do pensamento comprovado pela experimentação e o de suas aplicações as atividades humanas são dois efeitos correlatos da mesma causa. Foi graças a isso que o mundo moderno *se tornou moderno* (KILPATRICK, 1974, p. 19, grifos do autor).

A vida moderna, pautada, no pensamento submetido a experiência, segundo Kilpatrick (1974) é vinculado a um novo modo de pensar, de viver a democracia, que se ajustam a novas formas de trabalho através da industrialização. O pensamento,

então é vinculado, não aos princípios religiosos da fé cristã, mas na ciência como forma de comprovação empírica:

[...], portanto, que a tendência para experimentar o conhecimento, antes de aceitá-lo, tem vagarosamente, mas com segurança, penetrado a atitude intelectual de nosso tempo (KILPATRICK, 1974, p. 23).

E a democracia, e vista por Kilpatrick (1974), em seu sentido amplo, como um princípio moral, ao considerar que a sociedade deva proporcionar ao indivíduo liberdade de expressão e do desenvolvimento de suas potencialidades. Porém, a industrialização, impôs a esse indivíduo, novas formas de integração social, de interdependência decorrente da crescente divisão de trabalho.

Para o enfrentamento das mudanças dos processos sociais, a educação deve ser “um processo pelo qual adquirimos os nossos modos de comportamento” (KILPATRICK, 1974, p. 44). Assim, a educação que Kilpatrick (1974) propõe, visa satisfazer as urgências da sociedade burguesa capitalista industrializada que necessita de mão de obra com altos diversos de especialização, capaz de trabalhar em grupo na resolução de problemas. Por isso, no contexto da perspectiva educacional de Kilpatrick (1974), a escola é um local de experiência real em situação social, ou seja, um ambiente que favoreça a experiência da vida, das funções e papéis sociais, de acordo com o interesse do aluno, a partir de sua própria vivência. O aprendizado ocorre quando o sujeito percebe a necessidade de aprender algo, então, através do seu próprio interesse, aprende ao fazer, e ao refazer até que se alcance o objetivo desejado. Porém, todo esse processo deve ser realizado internamente pelo sujeito, de forma que ele possa pensar por si mesmo.

Por isto, o papel do professor é de acreditar no desenvolvimento das potencialidades de seus alunos e de trabalho junto com ele. Em virtude disso, o professor, nada mais é do que um cooperador que a partir do interesse do aluno lhe proporciona os meios e os materiais para que, na interação com o meio social, aprenda. Segundo Kilpatrick (1974) é necessário preparar as crianças para vida social, com base no ensino científico, que suscite o espírito crítico. Para que isso ocorra, o aluno deve ser o sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, capaz de empreender esforços para aprender o que necessário e o que lhe interesse. O método ativo de projetos possibilitava o empreendimento de atividades com finalidade na vida real. Através deles os alunos aprenderão as matérias de ensino e,

por si mesmos, organizarão sua forma de estar no mundo, ou seja, a mudança de seu comportamento frente às mudanças sociais. Para isso,

surge, pois, um novo conceito de programa, como sucessão de experiências escolares, adequadas a produzir, de forma satisfatória, a contínua reconstrução da experiência (KILPATRICK, 1974, p. 84).

Porém, Mattèi (2002) critica severamente, as tendências das modernas pedagogias americana, como a pedagogia pragmática e a pedagogia dos projetos, que pressupõem uma abertura incondicional da escola à sociedade. Pois segundo o autor, quando a educação é vista como extensão da prática social e a escola como prolongamento da sociedade na qual o indivíduo processa sua vida há a descaracterização em vocação universal de humanização da instituição da escolar. Por isso, Mattèi enfoca a especificidade da escola como “um local de pensamento onde o aluno adquire os conhecimentos necessários para se tornar homem e cidadão” (MATTÈI, 2002, p. 228).

Outro aspecto negativo ressaltado por Mattèi (2002) é que a teoria de Dewey e seus posteriores desdobramentos pedagógicos enfocam o pragmatismo funcional de todo o processo pedagógico. Com isso, os procedimentos didáticos tornam-se mais importantes do que o pensamento reflexivo acerca dos conteúdos. E por sua vez, o interesse pelo conhecimento adquirido torna-se relevante quando alinhado as necessidades sociais. Contrário a essa visão Mattèi afirma: “Avaliar não é educar: é dar um preço ao resultado de um procedimento conforme a utilidade social” (MATTÈI, 2002, p.198).

Além disto, Mattèi (2002) e Arendt (2001) concordam que a partir das modernas pedagogias americanas, como através da pedagogia pragmática e da pedagogia de projetos, houve a instauração da concepção da criança, enquanto sujeito, centro de todo o processo pedagógico. Basicamente, a criança passou a ser o sujeito projetado sobre si mesmo, no qual as atribuições históricas sociais não interferem na evolução de seu processo mental.

Segundo Arendt (2001) o estabelecimento desta perspectiva educacional, desencadeou uma crise na educação fundamenta-se em três pressupostos. No primeiro, a criança adquiriu autonomia de governar a si mesmo através do grupo a qual pertence. O educador é simplesmente alguém posto para fazer cumprir esta autonomia, ou seja, a autonomia da criança enquanto aluno prevalece em detrimento da autoridade docente. Com isso, cria-se o mundo da criança, como algo

à parte do próprio mundo do qual as crianças fazem parte, cujo conhecimento desenvolvido ao longo da História humana perde sentido frente ao enfoque na criança e de seu mundo. Assim, o suposto respeito às características da criança enclausuram essa mesma criança em um mundo à parte, desvinculado dos adultos.

Mattèi (2002) denomina este enclausuramento da criança dentro de si, em sua infância como o sujeito interior, capaz de desenvolver os processos de aquisição do conhecimento sem qualquer interferência externa. A consequência disso é a anulação do relacionamento das crianças com os adultos, o que desprepara essas crianças para enfrentar o mundo adulto. Pois a infância é apenas uma fase do desenvolvimento humano, que em seu processo prepara para a vida adulta (ARENDT, 2001).

O outro pressuposto, de acordo com Arendt (2001), é que tanto a psicologia moderna como o pragmatismo pedagógico contribuiu para a transformação da pedagogia em uma ciência do ensino geral. Com isso, o ensino foi desvinculado da do conteúdo da matéria ensinada. Por essa perspectiva, o professor é o sujeito que é apto a ensinar, não importando o assunto a ser ministrado. Para Arendt (2001):

O motivo por que não foi atribuída nenhuma importância ao domínio que tenha o professor de sua matéria foi o desejo de levá-lo ao exercício contínuo da atividade de aprendizagem, de tal modo que ele não transmitisse, como se dizia “conhecimento petrificado”, mas, ao invés disso, demonstrasse constantemente como o saber é produzido. A intenção consciente não era a de ensinar conhecimentos, mas sim de inculcar uma habilidade (ARENDT, 2001, p.232).

O último pressuposto da crise da educação é fundamentado no pragmatismo, onde há ênfase do aprender pelo fazer, visto que para Dewey (1959), a experiência do fazer já se constitui o aprendizado. Por meio desse pressuposto o brinquedo ganha primazia frente o trabalho, pois, o brincar faz parte do mundo da criança. Em suma, existe a:

substituição da aprendizagem pelo fazer e do trabalho pelo brincar. [...] Aquilo que, por excelência, deveria preparar a criança para o mundo dos adultos, o hábito gradualmente adquirido de trabalhar e de não brincar, é extinto em favor da autonomia do mundo da infância (ARENDT, 2001, p. 232-233).

A emancipação da criança ao seu mundo, é na verdade o abandono da criança à mercê de si mesma e exposta a todas as pressões do mundo público também por meio da escola, quando está se assume como extensão da própria

sociedade (ARENDT, 2001). Porém, a escola é um entreposto entre a vida privada e a vida pública, no qual a criança começa a transitar para o mundo, mas de modo algum a escola deve se considerar o próprio mundo e principalmente transmitir tal conceito à criança. Pois, “[...] o educador está em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade” (ARENDT, 2001, p.239). Essa responsabilidade assume forma de autoridade, que para além de meras qualificações profissionais reside na atitude de responsabilidade por este mundo, e como representante deste mundo para a criança. Todavia, quando as pessoas não querem mais se responsabilizar pelo mundo o sentido da própria autoridade se perde. Na educação, a recusa dos adultos pela autoridade impõe igualmente uma recusa pela responsabilidade do mundo da criança, e por sua consequente perda de autoridade.

Portanto, conforme expõe Mattèi (2001) essas novas tendências pedagógicas fundamentam metodologias que se fecham sobre seus próprios procedimentos como na pedagogia de projetos ou sobre o sujeito do conhecimento, quando a criança é deixada à mercê de si mesma no processo de ensino, como na pedagogia pragmática. E assim, houve o enclausuramento do sujeito interior que culminou no sujeito intemporal mergulhado em si e perdido no tempo a destruir o seu próprio espaço exterior. Em virtude disso, Mattèi (2002) é enfático ao afirmar que um dos fatores que favoreceram e promoveram a explosão de violência tanto na escola como na sociedade foram os impactos das agressões anteriormente sofridas pelo indivíduo através das modernas concepções pedagógicas a partir de Dewey e da exacerbação do conceito de sujeito interior.

2.3 Pedagogia Libertadora

O contexto histórico dos anos 60 é marcado por profundas transformações sociais. O Brasil passava a ser efetivamente, um país industrializado, cuja população se concentrava nas áreas urbanas, próximas aos centros industriais. Porém, junto com a industrialização entraram em jogo diferentes interesses de classe. De um lado a ideologia burguesa, procurando manter o *status quo*, ou seja, a sua manutenção no poder político e econômico, e a ideologia esquerdista,

do nacionalismo desenvolvimentista, que defendia a divisão de lucros mais justa, entre empregador e empregados como também exigia reformas de base, nos vários setores da sociedade, como a reforma agrária, educacional, entre outras (GHIRALDELLI, 2001).

Neste contexto, houve intelectuais e políticos, de ambos os lados, liberais progressistas e esquerdistas, trabalhando em prol da cultura e da educação popular, entre eles surgiu em 1961, os Centros Populares de Cultura, ligado a União Nacional dos Estudantes; os Movimentos de Cultura Popular foram disseminados por todo o país, mas tiveram sua origem em 1960, através da prefeitura de Recife; e o Movimento de Educação de Base, apoiado pelos esquerdistas cristãos e pela Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil. Assim, o início da década de 60, foi permeado por uma efervescência educacional, voltada, principalmente, para a alfabetização da classe trabalhadora. Conforme expõe Ghiraldelli (2001), é nesse contexto político e educacional que surge a pedagogia libertadora:

A Pedagogia Libertadora nasceu da conformação superestrutural da época. Teoricamente foi forjada por três ideários muito presentes no início dos anos 60. De um lado o nacionalismo-desenvolvimentista isebiano que, como vimos, foi a ideologia que permeou o período. De outro, o novo pensamento social da esquerda católica (solidarismo cristão). Por fim, a vertente propriamente pedagógica, o escolanovismo, que praticamente dominou a intelectualidade liberal no final dos anos 50. (GHIRALDELLI, 2001, p. 122).

A pedagogia libertadora tem suas raízes na fundamentação teórica de Paulo Freire. Este foi um educador, que influenciou sua época, como sendo um dos poucos educadores, no Brasil, a tecer uma perspectiva pedagógica em favor da população trabalhadora. Freire (1999) combatia com veemência a prática do ensino tradicional, a qual denominava de educação bancária. Pois, segundo esse autor, a pedagogia tradicional lança uma série de conteúdos a serem assimilados sistematicamente pelos alunos, e que posteriormente serão avaliados, de acordo com o seu desempenho nas provas.

Porém, no entender de Freire (1999), ensinar é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. E quando o ato de aprender ganha criticidade cada vez maior ocorre o desenvolvimento da curiosidade epistemológica. A crítica nos leva a recusa do ensino bancário, que deforma a criatividade do educador e do educando.

O método de ensino da pedagogia libertadora é composto por cinco fases (FREIRE, 2008), porém ao nível de comparação com a pedagogia tradicional e a pedagogia nova, seguiremos a inferência de Ghiraldelli (2008), que resume por analogia as cinco fases em cinco passos. O primeiro passo corresponderia a pesquisa de palavras com forte sentido existencial para os educandos, palavras essas oriundas da vida comunitária, da sua condição social, de sua origem regional. Esse passo é a fase de “levantamento o universo vocabular dos grupos com quem se trabalhará” (FREIRE, 2008, p. 120). O conjunto de palavras pesquisado é designado por palavras geradoras.

O segundo passo é relativo aos temas geradores, ou a fase que é “constituída pela escolha das palavras, selecionadas do universo vocabular pesquisado” (FREIRE, 2008, p. 121). Assim, das palavras geradoras devem ser escolhidas de acordo com riqueza fonêmica, que correspondam às peculiaridades fonéticas da língua, em sequência gradativa de dificuldade. Além disso, essas palavras devem ter em si um caráter pragmático, que revelem as implicações política sociais dos educandos e sua conscientização a partir do debate sobre temas relacionados a elas.

A partir da escolha das palavras há o estabelecimento dos temas geradores, ou do funcionamento do círculo de cultura, que seria o momento em que educandos e educadores, através do diálogo iriam discutir os temas geradores. O diálogo entre educandos e educadores, que no contexto da pedagogia de Freire (1999), é denominado como coordenadores de debate, deveria ser fundamentado numa relação de horizontal, de simpatia, amor e humildade na busca pelo e para o conhecimento de si mesmo e do mundo. Pois, há uma interdependência entre educando e educador. Pois, ensinar e aprender existe concomitantemente, embora aprender preceda o ensinar. E ao aprender socialmente é que historicamente descobrimos que é possível ensinar, e assim trabalhar, caminhos e métodos desse ensinar. Portanto, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1999).

O passo seguinte é a problematização ou a “criação de situações existenciais típicas do grupo com quem vai se trabalhar. Essas situações funcionam como desafios aos grupos” (FREIRE, 2008, p. 122). Assim, situações problematizadas dos temas geradores promoveriam mobilização da compreensão do educando como

sujeito da história, produtor de cultura e de conhecimento, a partir da valorização de seu saber e do seu fazer cotidiano.

A problematização se faria, assim, num esforço pelo qual educadores e educandos vão percebendo, criticamente – como escreveu Paulo Freire – como ‘estão sendo no mundo com que e em que se acham’ (GHIRALDELLI, 2001, p. 124).

O quarto passo se remete a conscientização do educando. Esse processo de criticidade leva o sujeito a perceber e ultrapassar duas formas de consciência: a consciência ingênua, que acredita não ser afetado pelos fatos, e por isso, é capaz de entendê-las; e a consciência mágica, que ao se sentir impotente diante da própria vida, outorga seu poder a uma força exterior (GHIRALDELLI, 2001). Com isso, o educando não descarta simplesmente sua antiga forma de pensar, de compreender os fatos, antes a submete a uma constante análise de forma a desenvolver uma consciência crítica, de si e do mundo (FREIRE, 2008). Na metodologia alfabetização de Freire (2008), a quarta fase, corresponde exatamente, ao momento da elaboração de fichas roteiro que sirvam de subsídios para as discussões.

Por fim, o quinto passo se resume na práxis social, através da qual o educando e o educador interviriam na realidade na busca da transformação social, de forma a educando e educadores lutassem pela: “libertação de todos os homens da opressão” (GHIRALDELLI, 2001, p. 125). E sem ser antagônico, essa fase para Freire relaciona-se com Feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores. Através de uma atitude dialogal a qual os coordenadores devem converter-se para que façam realmente educação e não ‘domesticação’ (FREIRE, 2008). Nesse momento o educando irá decodificar as palavras relacionadas a sua vivência; palavras essas que foram problematizadas geraram debates e perspectivas mais críticas sobre a sua realidade social. A alfabetização assim, não ocorre como um processo mecânico de aprendizagem, mas uma aprendizagem que a partir de sua contextualização histórico social se torna um meio de resistência e de luta contra as desigualdades sociais.

Gheraldelli (2001), a partir das considerações do método de Paulo Freire, formulou em linhas gerais o processo pedagógico da pedagogia libertadora em cinco passos, afim de compará-los com passos do processo de ensino e aprendizagem da pedagogia tradicional e a pedagogia nova, como demonstra a tabela:

<u>Pedagogia Tradicional</u> (Herbart)	<u>Pedagogia Nova</u> (Dewey)	<u>Pedagogia Libertadora</u> (Freire)
preparação apresentação associação generalização aplicação	atividade problema dados do problema hipótese experimentação	pesquisa temas geradores problematização (diálogo) conscientização ação social

(GHIRALDELLI, 2001, p. 124, grifos do autor).

2.4 A educação e a prática de ensino no âmbito religioso

A partir das concepções educacionais acima abordadas, realizaremos neste momento, algumas considerações sobre o funcionamento da prática de ensino à crianças no contexto da Igreja Evangélica Batista do Calvário, de modo a observar, se há a cultura educacional forjada no interior do âmbito da igreja, atinge as práticas educativas do Projeto Conhecendo Jesus nos diversos bairros do município de Rio Claro. Para isso, analisamos alguns documentos eclesiais que evidenciaram a estrutura organizacional do departamento infantil da instituição religiosa e do Projeto Conhecendo Jesus no período de 2005 a 2009. Devido a dificuldade de acesso ao material que expõe a prática de ensino da Igreja Evangélica Batista do Calvário, por ser uma publicação interna, sem nenhum tipo de arquivamento, julgamos conveniente anexá-lo ao trabalho.

De acordo com documentos do departamento infantil da Igreja Evangélica Batista do Calvário, o culto infantil, é destinado a crianças de 2 a 10 anos de idade, agrupados em três classes: maternal, de 2 a 4 anos de idade; pré-escolares, de 5 e 6 anos; e juniores dos 7 aos 10 anos.

Maternal: crianças de 2 e 3 (se houver poucas crianças, deixar os de 4 anos junto com o maternal). Pré-escolares: crianças de 5 e 6 anos (as vezes os de 4). Crianças e juniores: 7 a 10 anos. Caso seja necessário, separe 7 e 8 anos em uma classe e 9 e 10 anos em outra (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – MINISTÉRIO INFANTIL, [2008], não paginado).

A liturgia do culto segue uma estrutura determinada, porém flexível, conforme a necessidade da aula ministrada pelo educador. A recepção das crianças é o primeiro momento que antecede ao início, propriamente dito do culto. Nessa ocasião é indicado que os educadores recebam as crianças de forma afetuosa, concedendo-lhes a oportunidade de conversar e expressar seus sentimentos e os acontecimentos que queiram compartilhar. Visto que “as crianças deverão encontrar na igreja um ambiente de amor” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – MINISTÉRIO INFANTIL, [2008], não paginado).

Em seguida é realizada uma oração, porém, não há inconvenientes, caso se preferir orar no decorrer do culto infantil. Após, há o período de louvor e adoração. De acordo com Mônica Farinaccio ([2005]), essa é uma das oportunidades de louvar a Deus, e ensinar a criança sobre a adoração:

Cantamos porque:

- é bíblico
- atraí
- dá testemunho
- dá ênfase à lição
- declara verdades bíblicas
- prepara o coração
- faz as crianças participarem ativamente
- ensina as crianças a adorarem a Deus (FARINACCIO, [2005], p. 03).

Depois, há a contação de histórias, esta deve ser contada de forma a fazer contato com a realidade de seus aos seus ouvintes. A história precisa ser narrada com entusiasmo, observando a melhor forma de entonação de voz e postura corporal. Caso haja algum contratempo, os demais educadores presentes, devem auxiliar as crianças, tranquilizando-as, para que todos possam aproveitar esse momento. Caso alguma criança queira contar algo, peça que fale ao término da história, direcionando o que foi falado aos ensinamentos da narração (CARDOSO, [200?]). Além disso, Farinaccio ([2005]) aconselha que sejam utilizados recursos visuais a fim de as crianças retenham o conteúdo da mensagem transmitida.

Há casos, que após a contação, o educador, pode realizar um apelo para que as crianças aceitem a Jesus, neste caso é realizada uma oração em conjunto com os mesmos. Contudo, em geral, há a realização de diversas atividades que recapitem os ensinamentos ministrados, entre elas, a Bíblia pode ser utilizada para incentivar as crianças ouvirem e repetirem versículos bíblicos. Para os juniores e pré-adolescentes pode ser realizada uma batalha bíblica, que é uma competição de

versículos bíblicos memorizados. É comum, também, entregar desenhos para colorir, que ilustrem a história contada. E no encerramento de alguns cultos, os educadores, servem um lanche a todas as crianças (CARDOSO, [200?]).

Outro aspecto importante relativo ao ensino no âmbito religioso é a escolha das histórias como meio de educação de valores morais e éticos, ou seja, o ensino das virtudes. De acordo com documentos da Igreja Evangélica Batista do Calvário, a contação de história é a principal forma de ensino no âmbito eclesial. Através da narração a exposição das verdades bíblicas, ensinamentos de valores morais, éticos e cívicos, como consta no projeto pedagógico ([2008]):

Desenvolver em seus corações princípios bíblicos de ética, moral, respeito, honestidade e lealdade para que, quando adultos, sejam esses princípios norteadores/formadores de suas índoles (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado).

Além disto, através das histórias, ensina-se a disciplina ao educando, de maneira que ele aprenda que há lugar, tempo e modo de comportar. Porém, esse ensinamento não visa constranger as crianças nem coagi-las de forma autoritária e arrogante. Por isso, segundo o documento do ministério infantil ([2008]) aconselha-se aos educadores tratarem afetuosamente as crianças. “As crianças deverão encontrar na igreja um ambiente de amor. Julgue as atitudes e jamais as crianças. Fale sempre com amor” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – MINISTÉRIO INFANTIL, [2008], não paginado).

Espera-se do educador, responsabilidade, dedicação e amor para com as crianças e o ministério infantil. Por isso, exige-se do educador uma postura moral digna de forma que as crianças possam ter neles um exemplo de vida a ser seguido. Por isso, o manual de dicas para o trabalho com as crianças adverte:

Cuidado com suas atitudes: tudo o que você fizer ou falar a criança estará observando e irá imita-lo. Fora do departamento também devemos ser exemplos e agir conforme aquilo que esperamos de nossas crianças (participar dos cultos, dizimar, ser gentil com as pessoas, etc.) [...] Peça a Deus para que você seja: usado por ele, dedicado, criativo, maduro espiritualmente, alegre, disponível, amado, honesto, pontal e responsável, equilibrado e humildade - que se auto avalia (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO – MINISTÉRIO INFANTIL, [2008], não paginado).

A estrutura básica da prática de ensino infantil realizado na Igreja Evangélica Batista do Calvário é observada nas ações educativas do Projeto Conhecendo Jesus, pois, conforme consta em sua proposta pedagógica:

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Contar, interpretar, dramatizar histórias;
- Projeção de filmes;
- Desenhos, pinturas, recortes, colagens;
- Atividades físicas, canto e coral;
- Abordagem de situações conflitantes vivenciadas cotidianamente pelos adolescentes, através de textos/histórias/parábolas bíblicas narradas;
- Debates/discussões/reflexões/dramatizações dos temas abordados, buscando a visão de Deus para seus questionamentos;
- Promoção de confraternizações entre os participantes;
- Momentos de oração e louvor a Deus (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado, grifos do autor).

Permeando os procedimentos metodológicos utilizados no contexto da educação religiosa da Igreja Evangélica Batista do Calvário, tanto no departamento infantil como no Projeto Conhecendo Jesus há características da pedagogia tradicional, cuja principal forma de ensino-aprendizagem se dá pelas instruções e ensinamentos dos professores, conforme observamos anteriormente, nos cinco passos formais de Herbart (SAVIANI, 1985): preparação, apresentação, assimilação, generalização e aplicação.

Todos estes procedimentos são realizados pelas educadoras, quando voltam nos locais onde ocorre o projeto. Pois, elas relembram o conteúdo da história passada, reforçam a verdade bíblica ensinada e a partir disso, iniciam a contação de uma nova história, que reintegra parte do que foi ensinado, porém acrescentando conceitos morais e éticos novos. Todavia, em geral, não é solicitada a criança a realização de tarefas em casa, porém é solicitado a elas que verbalizem as lembranças do que foi ensinado anteriormente.

Portanto, a pedagógica tradicional é uma das mais fortes influências pedagógicas para a educação de ensino religioso no contexto institucional da Igreja Evangélica Batista do Calvário. Porém, essa constatação nos remete as consequência da utilização desta tendência educacional. Segundo Saviani (1985), a pedagogia tradicional considera aluno como uma tábula-rasa na qual as informações são impressas, por isso, o aluno é considerado um receptor passivo de conteúdos. Isso é observado quando a pouca ou nenhuma interação entre o educando e o ensino que lhe é transmitido. Assim ocorre, quando no ensino religioso, há unicamente a contação de uma história com o intuito de transmitir um conceito moral. Pois, não há um diálogo, como no sentido de Paulo Freire (1999), de

educador e educando, estarem aprendendo. Também não são considerados os conhecimentos do próprio educando, suas concepções sobre Deus, família e religião, por exemplo, ou seja, o conhecimento, pela perspectiva educacional de Dewey é imposta, porque não parte dos interesses dos alunos (DEWEY, 1959).

Por outro lado, a prática do ensino tradicional pelos educadores cristãos inibe qualquer tipo de conscientização das divergências sociais. Isso, porque, segundo Libâneo (1996) o papel da educação, na tendência tradicional, é promover o ajustamento social e manter a ideologia vigente: “uma vez que não questiona a implicação dos determinantes socioestruturais da educação, compreendendo o fenômeno educativo nele mesmo” (LIBÂNIO, 1996, p.62).

Saviani (1985), a partir de uma perspectiva semelhante a de Libâneo (1996), coloca a pedagogia tradicional em um grupo denominado, de não-críticas por possuir a visão de uma escola autônoma da sociedade, e, que portanto, poderia causar sua transformação, tornando-a melhor, produzindo a equalização social. Assim, a educação não sofreria influências da sociedade, mas seria capaz de não somente influenciá-la como também de modificá-la através do conhecimento. Tal equívoco por vezes foi cometido pelos adeptos da educação tradicional, e pode ser repetido por outras organizações que dela se utilizam, como por exemplo, a igreja. Pois, de acordo com Paulo Freire (2002), há quem afirma a neutralidade tanto das Igrejas como da educação.

Para Freire (2002) aqueles que advogam a pretensa neutralidade da Igreja perante as ações políticas e educacionais se posicionam favoráveis às classes dominantes em detrimento as classes oprimidas, porque idealizam que a partir da mudança dos corações é possível construir novas relações sociais. Dentre eles, há aqueles que o fazem de forma consciente e intencional, estes Freire os classifica como espertos e os outros, de ingênuos. Ambos afirmam a neutralidade das Igrejas e do seu papel educativo, porém com propósitos diversos. Porém, para Freire (2002), os ingênuos, por meio de suas ilusões idealistas podem incorrer em dois caminhos: Podem deixar de ser inocentes e passarem a espertos; ao assumirem conscientemente o posicionamento em favor preservação do ‘status quo’ das classes dominantes. Mas, também podem tomar consciência de sua própria ingenuidade e assim viabilizar uma postura em favor das classes oprimidas. Ao abandonar as ilusões idealistas e a visão acrítica da Igreja, os inocentes:

comprometem-se com as classes oprimidas, iniciam uma nova aprendizagem com elas [...] aprendem que a consciência não se transforma através de cursos ou discursos ou de pregações eloqüentes, mas na prática sobre a realidade (FREIRE, 2002, p. 125).

Porém, o desligamento das concepções elitistas ocorre gradualmente, conforme o sujeito é capaz de fazer a passagem do abandono de valores espirituais e físicos que desconsideram os determinantes das desigualdades sociais. Essa passagem Freire (2002) denomina de páscoa, cuja práxis resulta em compromisso histórico. A práxis, para Freire (2002), envolve tanto a reflexão crítica como a ação prática sobre a realidade concreta. Por isso, a conscientização real revela uma ação prática dos oprimidos sobre a sua realidade, quando estes entrevêem em sua própria libertação como classe oprimida. Quando a igreja realiza sua páscoa, ela retoma seu caráter profético (FREIRE, 2002).

Porém, Freire (2002) nos alerta que o papel educativo para a libertação não é um problema metodológico. A questão é compreender que não há neutralidade no método e muito menos da prática educativa das Igrejas. Portanto, a educação para libertação não troca simplesmente um método pelo outro, como quem troca quadros-negros por projetores. Pelo contrário, é a que propõe, como prática social, a contribuir para a libertação das classes oprimidas.

O descobrimento por parte dos muitos cristãos na América Latina que esse tipo de educação não virá da partes das classes dominantes, pois estas não irão intervir de forma a desvelar a realidade para modificá-la em favor dos oprimidos, força tais cristão a uma tomada de decisão: ou transformam sua 'inocência' em 'esperteza' e assim, assumem conscientemente a ideologia da dominação ou, pelo contrário, se engajam na busca real da libertação dos oprimido (FREIRE, 2002, p.129).

CAPÍTULO III - A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O ENSINO DAS VIRTUDES

A análise realizada no presente tópico se direciona na descrição e compreensão da produção de sentidos ao se escolher determinado conteúdo a ser ensinado através da contação de histórias e as suas possíveis implicações na parceria entre o Projeto Conhecendo Jesus e a Prefeitura Municipal de Rio Claro-SP. Por produção de sentidos, nos referimos, ao processo de significação atribuída a prática educacional na perspectiva de Eni Puccinelli Orlandi (1987). Pois, o fazer educativo produz sentidos que são construídos historicamente num dado contexto sócio cultural de uma sociedade.

E para observar a produção de sentidos estabelecida a partir do que se é ensinado através das histórias, recorreremos as reflexões acerca da obra de Erasmo de Rotterdan (1978) e dos comentários acerca da Civilidade pueril por Revel (1991). Com isso, propomos um pano de fundo para a análise dos sentidos promovidos e suas implicações filosóficas e políticas do ensino moral das histórias. A partir disso, traçamos um panorama geral das histórias contadas pelas educadoras do Projeto, e se o conteúdo delas difere ou assemelha em algum ponto com a obra de Erasmo.

3.1 A educação da civilidade pueril a partir da obra de Erasmo

O ensino das civilidades é uma questão socialmente antiga. Ela pode ser vislumbrada com maior nitidez no século XVI a partir da publicação do livro de Erasmo de Rotterdan intitulado: *A civilidade pueril*, em 1530. A obra sintetiza na linguagem escrita, as boas maneiras de se portar em sociedade desde a mais tenra idade. Segundo, Revel (ARIÈS, 1991):

Ao mesmo tempo em que reformula a própria noção de civilidade, esse breve tratado didático, escrito em latim, fixa – e por três séculos – o gênero literário que garantirá à pedagogia das ‘boas maneiras’ sua mais ampla difusão social (REVEL, apud, ARIÈS, 1991, p. 171).

Ainda de acordo com Revel (ARIÈS, 1991), o tratado faz três inovações importantes. A primeira quando Erasmo dirige o ensino das civilidades às crianças, pois anteriormente, tais escritos eram direcionados a jovens e adultos. Segunda, é que todas crianças deveriam aprender sobre o assunto por ele exposto, pois a criança nascida no seio da elite deve saber as maneiras condizentes a sua posição social; as crianças de condição humilde deveriam suprir essa lacuna que o acaso lhes proporcionou através da aprendizagem das boas maneiras. A terceira inovação de Erasmo trata que o ensino das civilidades deveria ser acolhido por todas as pessoas.

A civilidade pueril teve forte impacto do século XVI, sendo publicada em vários países. Essa repercussão é vista como uma resposta às profundas mudanças sociais, decorrentes da reorganização social e cultural dos resquícios da Idade Média para a Idade Moderna (REVEL, 1991). Além disso, a Reforma Protestante foi outro fator que contribuiu para o êxito da obra, pois a educação rígida e formal era uma forma de coibir os instintos maus e pecaminosos dos pequeninos. Este ensino conformaria corpo e alma às atitudes de bom comportamento em sociedade. A partir desse prisma, os religiosos reformadores incorporaram o livro *A civilidade pueril* em suas escolas, como material didático de suma importância.

Podemos observar a influência da educação moral e social rígida dos protestantes através dos escritos de João Calvino e da religião calvinista, esta foi predominante nos Países Baixos, Inglaterra e França dos séculos XVI a XVII, principalmente. De acordo com o credo calvinista a salvação nunca é perdida, pois Deus de antemão já pré-determinou aqueles que a receberiam, tampouco pode ser alcançada mediante as boas obras ou os sacramentos religiosos para aqueles a quem já se destinou à perdição. Assim, somente Deus por sua onisciência poderia outorgar a salvação aos eleitos, redimindo-os de seu estado pecaminoso (CALVINO, 1989a). Porém, essa percepção doutrinária implicou tanto numa visão negativa do homem e por consequência da criança como também determinou a eliminação da magia do mundo por não imputar poderes sobrenaturais aos sacramentos como o batismo (WEBER, 1967).

Para Weber (1967) a predestinação teve algumas repercussões de cunho religioso dentre elas, que a certeza da salvação ou do estado de graça poderia ser evidenciado através da conduta de vida irrepreensível. Porém, isso ocasionou uma profunda racionalização da vida humana através de uma reordenação sistemática de

toda a conduta moral e social, ou seja, através de uma ética normativa integral. Assim, promoveu uma sólida sanção psicológica para a moralidade racional, de forma que havia entre os eleitos, os salvos, uma constante prova da eleição através da observação da conduta ética diária, pois segundo Weber (1967):

Somente uma vida guiada por uma reflexão contínua poderia obter vitória sobre o estado de natureza. *O cogito, ergo sum* de Descartes foi adotado pelos puritanos contemporâneos com esta interpretação ética. Foi esta racionalização que deu à fé reformada sua tendência ascética peculiar (WEBER, 1967, p. 82, grifos do autor).

Por outro lado, Revel (ARIÈS, 1991) considera que há também implicações políticas no ensino protestante das civilidades, porque investe, a partir da criança, uma forma de sociabilidade comum. Assim, os infantes quando adultos saberiam como se comportar socialmente, visto que as manifestações corporais do sujeito estariam sobre o controle da supervisão social. Segundo Revel (ARIÈS, 1991):

Nesse projeto de enquadramento e educação autoritários, a aprendizagem da civilidade desempenha um papel essencial, na medida em que permite, ao mesmo tempo, disciplinar as almas por meio da coerção exercida sobre o corpo e impor à coletividade das crianças uma mesma norma sociável. Além disso, tem a vantagem de permitir que a criança exerça sobre si mesma um controle constante de seu tempo, de suas ocupações e de suas atitudes (REVEL, apud, ARIÈS, 1991, p. 176).

Há na educação calvinista alguns aspectos políticos decorrentes das suas crenças doutrinárias como a liberdade cristã, que segundo Calvino (1989a), traz a consciência à confiança na justificação de Deus. E, ao ter essa consciência liberta do jugo da Lei, pode então o eleito fazer a vontade Deus através de uma conduta de vida livre de qualquer tipo de pecado. Essa liberdade cristã relaciona-se tanto ao reino espiritual de Cristo quanto ao reino temporal, as autoridades humanas. A jurisprudência espiritual refere-se a responsabilidade do homem, que responde a Deus pelo livre uso da sua consciência. A jurisprudência humana corresponde às normas sociais estabelecidas para a convivência em sociedade, este senso de discernimento entre o bem e o mal deve submeter-se a esse poder político, não por medo do castigo simplesmente, mas primeiramente por respeitar a Deus respeita-se também a lei política. Mas em tudo, se deve observar a pureza de consciência perante Deus, pois a consequência imediata seria o respeito ao próximo e as leis temporais (CALVINO, 1989b).

Segundo Calvino (1989b), o poder espiritual e o poder civil estão interligados. O primeiro estabelece diretrizes na vida interior e espiritual do ser humano e o segundo vem refletir aspectos da manifestação e da vontade de Deus ao impor uma normalização de conduta social, com um sentido de justiça secular externa a conduta de todas as pessoas. Também lhe cabe a proteção ao direito da religiosidade do homem, bem como ao culto exterior, a conservação da fé cristã contida na Lei de Deus e a própria condição de ser da Igreja.

E de acordo com Calvino (1989b), por existir a compatibilidade do poder espiritual com o poder civil a liberdade advinda da condição de cristão não impede sua submissão a qualquer esfera de autoridade civil, especialmente a dos magistrados. E a subtração do poder civil torna-se impróprio porque rouba a natureza humana. Pois, cabe ao magistrado defender as leis por meio dos quais ele governa e ao povo cabe submeter-se em obediência aos magistrados que governam pelas leis.

Percebemos que atrelado às convicções calvinistas houve o ensino religioso da civilidade, do viver em sociedade. O ensino calvinista como também de outras igrejas protestantes influenciaram na forma de educação às crianças que permearam as escolas cristãs dos séculos XVI e XVII, nelas havia o ensino da conduta social adequada. Algumas dessas escolas cristãs, como a fundada por Jean-Baptiste de La Salle, em 1679 atendiam crianças pobres e ensinavam sistematicamente e com toda a severidade o modelo erasmiano. De acordo com Revel (ARIÈS, 1991), La Salle impôs uma pedagogia rígida e autoritária que culminou na forma mais tradicional e disciplinar do comportamento das crianças.

Portanto, a partir dessas considerações educacionais podemos observar que no decorrer do século XVI a proposta original de Erasmo foi sendo paulatinamente desconsiderada, pois ele tinha uma visão humanística positiva do ser humano e da criança. Para Revel (ARIÈS, 1991), a obra de Erasmo não era uma norma sistematicamente prescritiva e autoritária, antes “não se trata, pois, de perseguir o segredo das almas nem de subjugar-las, e sim de preparar as crianças para viverem melhor” (REVEL, apud, ARIÈS, 1991, p. 174). Seu objetivo era compor uma educação corporal que refreasse gestos e expressões animais, que pudessem de alguma forma dissipar a humanidade das crianças. Por isso, era preciso educar o corpo, desde a mais tenra infância, a ter hábitos e atitudes bons e socialmente aceitáveis. Visto que a civilidade pueril era primordialmente uma forma de

“sensibilizar a criança para a necessidade de um código geral de sociabilidade. De resto, não era prescritiva e confiava essencialmente nas lições do foro familiar e nas virtudes imitadas” (REVEL, apud, ARIÈS, 1991, p. 180). Todavia, esse modelo erasmiano sofreu fortes transformações quando institucionalizado nas escolas protestantes e católicas. Com isso, o ensino das civilidades deixou de ter seu caráter de foro privado e familiar se tornou uma disciplina elementar nas escolas.

Por fim, logo chega o momento em que a aprendizagem do corpo torna-se inseparável dos exercícios escolares propriamente dito, da leitura, da escrita, da oração, numa relação pedagógica bastante hierarquizada. O mestre lê, os alunos repetem com o livro diante dos olhos, depois transcrevem: um severo dispositivo didático baseado na repetição e na obediência prepara para a incorporação da lição de civilidade, que demais é coletiva, e rapidamente saberá explorar as possibilidades de controle recíproco proporcionadas pela microssociedade escolar. Da invenção ativa da sociabilidade passou-se para um conformismo forçado. (REVEL, apud, ARIÈS, 1991, p. 182).

Com o passar dos séculos, a obra de Erasmo e suas posteriores releituras estavam ao alcance de todas as esferas sociais, tanto de crianças como de adultos. Sua influência foi intensamente sentida até o século XIX. Pois, para a vida em sociedade a aprendizagem das civilidades garantia, no foro público, a sociabilidade entre as pessoas, com normas de condutas lícitas e compatíveis como os preceitos da religião. No âmbito privado, o sujeito era forçado a ter uma postura considerada digna e respeitável diante dos preceitos morais de sua comunidade (REVEL, apud, ARIÈS, 1991).

3.2 O ensino das virtudes e a parceria com o governo municipal

O ensino das civilidades no âmbito religioso perdurou e perdura ainda nos séculos XX e XXI, a percebemos quando analisamos com maior atenção as histórias contadas pelos educadores religiosos, pois esboçam um tipo de ensino de bons costumes sociais, padrões éticos e morais. Porém, em cada época da história o ensino na civilidade teve suas funções, mas qual será sua função na sociedade atual?

Alguns teóricos, como Lipovetsky (2005), afirmam que a Era Moderna passa por um período de transição, de transformações nas relações sociais e políticas para a Pós-Modernidade. Com isso, as normas éticas e morais vivenciadas nos séculos passados não se ajustariam mais as novas concepções de vida e de moralidade, e por isso, poderíamos inferir que haveria uma metamorfose das virtudes (LIPOVETSKY, 2005).

Segundo o autor Lipovetsky (2005), para a sociedade pós-moderna, a virtude não representa um bem moral, uma conduta ética coletiva, antes é uma forma individualista do ser humano ser e estar no mundo. Isso porque o homem pós-moderno deixou de crer na validade e na necessidade do cumprimento de seus deveres éticos e morais em seu relacionamento interpessoal.

As lições inflexíveis da moral abandonaram os recintos públicos e privados. O imperativo proverbial do coração puro, os apelos ao devotamento total, o ideal hiperbólico de viver para os outros, nenhuma dessas exortações já encontra ressonância coletiva. Por todas as partes, o que caracteriza as novas democracias é o esmorecimento da forma dever, o estiolamento do preceito moral incontornável (LIPOVETSKY, 2005, p. 104).

A moral pós-moderna segue novos padrões culturais, pois as realizações de práticas filantrópicas não se ajustam ao antigo conceito de moral, que envolvia a preservação e a promoção do estar físico e social de outrem, mesma que em detrimento da sua: “[...] Se trata do estabelecimento de uma ‘moral sem obrigações nem sanções’, segundo as aspirações da massa que se mostra inclinada por um individualismo-hedonista democrático” (LIPOVETSKY, 2005, p. 104). Por isso, a moral pós-moderna é denominada por Lipovetsky (2005) de altruísmo indolor, uma espécie de decomposição moral e uma repudia a educação ética na esfera familiar.

A época pós-moderna é uma fase na qual a exigência de elevação moral caiu em descrédito, e, mesmo no método de educação ministrada às crianças, a transmissão dos princípios morais de ordem superior passou a constitui apenas uma meta secundária. [...] A expressão “viver para o próximo” (que antes era a expressão do ideal de virtude em sua forma mais requintada) tornou-se máxima de segunda ordem, algo que, no fundo, já não se considera necessário inculcar aos filhos (LIPOVETSKY, 2005, p. 106-107).

A educação pós-moderna de foro privado perde a concepção moral de integridade, honestidade e justiça ao se tornarem pífia. E embora, atualmente, se ensine princípio de boa convivência, esta não deve ser de forma alguma abnegada,

sacrificial e muito menos incondicional. O egocentrismo não é mais imoral, antes, é revestido de uma moralidade altruísta aparente, que legitima os direitos subjetivos individuais e deprecia os deveres em prol da coletividade.

O espírito do amor sacrificial não é mais encontrado no foro privado ou público. Por isso, esse altruísmo nada mais é do que uma forma mascarada de um egoísmo explícito, quando quem ajuda não o faz por amor ao outro, mas por amor a si mesmo, pelo narcisismo de estar numa posição superior ao do outro. Assim, embora o declínio moral seja perceptível há paradoxalmente um aumento das doações a obras humanitárias. Porém, para virtude pós-moderna filantropia é viável porque nela há o envio de dinheiro, não de afeto, e de bens materiais não de pessoas compromissadas com o bem-estar do outro. A palavra final é ajudar sem se comprometer. Lipovetsky (2005) denomina essa mentalidade de altruísmo indolor de massa oriunda de uma ética minimalista.

Assim, apesar do caótico panorama da sociedade pós-moderna imprime nas relações interpessoais há um vertiginoso crescimento do voluntariado do terceiro setor, que engloba cooperativas, associações humanitárias e organizações não governamentais - ONGs, principalmente nas décadas de 1980 - 1990 nos países desenvolvidos. O terceiro setor é conhecido nos países periféricos ou semi periféricos como organizações não governamentais (SANTOS, 2006).

Segundo Boaventura de Souza Santos (2006) a partir da década de 90 houve uma mudança de paradigma, quando o Estado passou por um processo de transformação, através do qual, houve a descentralização do poder Estatal, de modo que o Governo abdicou de suprir todos os encargos sociais e retomou o posicionamento de Estado forte, porém, sem intervir incisivamente nas relações entre mercado e sociedade. Isso possibilitou para o Estado, transferir para a sociedade funções que outrora foram exclusivas da administração pública. Diante disso, abre-se um espaço de grande atuação para terceiro setor.

Nos países periféricos o terceiro setor não é um agente de transformação social, antes é um dos provedores de serviços sociais como educação, saúde, e desenvolvimento (SANTOS, 2006). Assim, por intermédio do terceiro setor a sociedade intervém diretamente em suas próprias necessidades. Segundo Peter Drucker (1999), a atuação direta da sociedade na resolução dos seus próprios problemas é a alternativa mais válida para o enfrentamento das dificuldades sociais atuais. Pois, para esse autor, são as organizações civis que mais têm tido êxito na

promoção de serviços comunitários (DRUCKER, 1999). Porém, a visão de Lipovetsky (2005) contraste com a de Drucker, pois para aquele a promoção do voluntariado e das organizações não governamentais é primeiramente um reflexo da inoperância do poder público em suprir as necessidades básicas sociais, delegando responsabilidades a outras esferas da sociedade. Também, ressalta que esse voluntariado pode ser um reflexo do hedonismo pós-moderno que ganha *status* e revela a capacidade desenvolver uma ética minimalista exacerbada e autoglorificadora. Boaventura de Souza Santos (2006) também considera que o crescimento da atuação do terceiro setor se deve ao fato do Estado da transferência de responsabilidades sociais para ações de voluntariado.

Inferimos neste contexto que embora o sistema educacional gerenciado pelo Estado siga, em geral, princípios fundamentados na filosofia liberal, que remetem a instrução laica, gratuita e estatal isso não impossibilita a parceria com organizações civis, inclusive religiosas. Assim, a parceria entre o Projeto Conhecendo Jesus e a prefeitura municipal de Rio Claro-SP, não foge a íntima relação do envolvimento da sociedade civil em ambientes, antes de exclusividade da esfera pública.

Com isso, o Estado através da prefeitura municipal partilha com organizações civis a responsabilidade da educação moral das crianças, que antes era de exclusividade familiar. Pois, a família pós-moderna deixou de estar envolvida na tarefa de educar moralmente seus filhos, e quando o faz, educa no sentido de promoção e bem estar social individual (LIPOVETSKY, 2005). Assim a educação da moral passou a não existir, mesmo no foro familiar. Todavia isso colabora para as novas gerações não tenham padrões morais pré-estabelecidos e por isso, sua conduta de vida é fundamentada num relativismo dependente do interesse individual do sujeito. Lipovetsky (2005) faz uma interessante pergunta para os pais: “Que moral é essa que desejamos ver incorporada ao caráter de nossos filhos?” (LIPOVETSKY, 2005, p. 107). E uma das respostas para essa questão é posta quando E. Rojas (AMORESE, 1998) sintetiza o novo homem moderno forjado na e pela sociedade atual:

Dos meandros dessa realidade sociocultural vai surgindo o *novo homem moderno*, produto do seu tempo. Se observamos melhor, veremos que esse homem tem os seguintes componentes: *pensamento fraco, convicções sem firmeza, assepsia em seu compromissos, indiferença sui generis* feita de curiosidade e relativismo ao mesmo tempo... sua *ideologia* é o pragmatismo, sua

norma conduta, a vigência social – que vantagens leva, o que está na moda; sua *moral*, repleta de neutralidade, carente de compromisso e subjetividade fica relegada à intimidade, sem se atrever a sair em público (ROJAS, apud, AMORESE, 1998, p. 82, grifos do autor).

Sobre a importância da educação familiar Jean-Jacques Rousseau em Emílio (1996) escreve que a educação maternal poderia livrar ou acentuar alguns dos males sociais em seus filhos. Segundo o mesmo autor, uma criança entregue a si mesmo e aos outros cresce cheia de egoísmo e de tirania servil, cresce com um corpo fraco e um caráter repleto de vícios. Assim, a educação deve ser iniciada pela mãe ao nascimento e prosseguir com o pai, pois cabe aos pais o compromisso de educar seus filhos. Posto, que o homem é o que a educação faz dele quer por sua presença ou ausência (ROUSSEAU, 1996).

O homem é um animal social, que necessita da sociedade para se desenvolver e sobreviver. Pois, é no contato com os outros que iniciamos o aprendizado da cultura e a partir dela somos capazes de interiorizar a herança simbólica e de significados, que nos permitem compreender o mundo e nele viver (BERGER, apud, AMORESE, 1998). E se a família falhar na educação de seus filhos, quem os ensinará o que é moral, virtude e ética? Pois, é pela educação que desde a infância o ser humano aprende a cultura e o *ethos*, pois o homem é um ser inacabado do seu nascimento a sua morte, seu aprendizado é contínuo.

Mas, se educação de princípios éticos e morais precisa ser ministrada quem a realizará quando a família se percebe desobrigada de fazê-lo e o Estado incapaz realizá-la? Uma das possibilidades é a parceria do Estado, neste caso específico, do poder municipal com projetos sociais que lidem com a assistência da educação de moral como é o caso do Projeto Conhecendo Jesus.

Especificamente, o acesso das educadoras da Igreja Evangélica Batista do Calvário aos centros de convivência, associação de bairro e outras organizações civis ocorreu mediante a parceria da Prefeitura Municipal de Rio Claro do Projeto Conhecendo Jesus. Essa parceria se efetivou a partir de 2005, por intermédio da então vice-prefeita, Cândida Maria Belato Catelane, “Candinha”, e se reafirmou a partir da eleição do novo prefeito em 2008, através de Rosana Altimari, presidente do Fundo Social de Solidariedade. Desta forma, houve a viabilização das ações do Projeto Conhecendo Jesus em 2005 na Associação dos Moradores do Bairro Jardim Guanabara e na Sociedade Beneficente São João da Escócia - Casa das Crianças

no bairro Consolação e no Educandário Santa Maria Goretti, em 2008. Nos centros de convivência do município o voluntariado foi iniciado em 2007, no Centro de Convivência no bairro Jardim das Flores (2007), com o encerramento das atividades do Projeto nesse local a Prefeitura indicou em 2008 o Centro de Convivência no Parque São João para a continuação das atividades. Nesses locais há a atuação direta ou indireta do poder pública na assistência a crianças e adolescentes, principalmente auxiliando essas entidades através da contratação de monitoras. Em geral, o Projeto atende aproximadamente 450 crianças nos locais autorizados pela Prefeitura Municipal de Rio Claro (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008]).

Na Associação dos Moradores do Jardim Guanabara - AMORG ocorre o “Projeto Luquinha”. São atendidas crianças do bairro no período da manhã e da tarde, no horário oposto ao da escola, com cerca de 70 crianças. Nesse local o Projeto Conhecendo Jesus realiza atividades educativas semanais tanto de manhã como a tarde. Em geral, tanto nesse local como em outros que recebem auxílio da Prefeitura, as crianças são distribuídas em turmas: As turmas 1 e 2 correspondem a crianças do primeiro ano e da segunda série, e as turmas 3 e 4 correspondem a crianças da terceira, quarta série e quinto ano.

A Sociedade Beneficente São João da Escócia – “Casa das Crianças” atende nos períodos da manhã e da tarde, aproximadamente 60 alunos e alunas do ensino fundamental I. A cada quinze dias, às quartas-feiras, no período da tarde, as voluntárias contam histórias das 15:00 as 16:00hs. A Casa das Crianças atende crianças oriundas de escolas centrais, mas que são moradoras de bairros distantes como o Jardim Guanabara I e II, Jardim Brasília, Terra Nova.

Durante o ano de 2007 houve a parceria do Projeto Conhecendo Jesus com o Projeto “Acolher”, no Centro Municipal de Convivência Residencial Jardim das Flores havia cerca de 60 crianças de 7-10 anos de idade, nos dois períodos. As atividades das voluntárias eram realizadas com crianças no período da tarde, das 15:00 as 16:00 horas, sempre as quartas-feiras.

Após o encerramento das atividades no Projeto Acolher no final de 2007 a prefeitura municipal disponibilizou o Projeto Amizade e Vida - PAM, no Centro de Convivência Jardim São João para dar continuidade ao trabalho do Projeto Conhecendo Jesus. No período da manhã havia aproximadamente 30 crianças de manhã e 30 à tarde de 06 a 12 anos e 11 meses de idade. Estes eram divididos em dois grupos: grupo 1 de 06 a 09 anos e o grupo 2 de 10 a 12 anos. Em 2008 as

atividades do Projeto Conhecendo Jesus foram iniciadas as terças-feiras, no período da manhã das 09:00 as 10:00 horas, e à tarde das 15:00 as 16:00 horas.

A atuação das educadoras tanto na associação de bairro como nos centros de convivência ocorrem “uma vez por semana, em cada entidade, com duração de aproximadamente 50 minutos, com grupos de 30 crianças, em média” (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado). Entre as atividades realizadas durante os encontros estão a contação de histórias bíblicas ou contos, com a utilização de fantoches, músicas evangélicas e desenhos com temas sobre as histórias narradas.

No ano de 2008 houve o início das atividades no Educandário Maria Gorretti. De acordo com a proposta pedagógica do Projeto conhecendo Jesus o Educandário é “uma instituição católica, que abriga em regime de internato e semi-internato, crianças e adolescentes que foram retiradas de suas famílias por decisão judicial (abandono, maus tratos, pais presos, violência doméstica, etc)” (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado). No período da manhã e da tarde, há a aproximadamente 60 crianças e adolescentes, do sexo feminino. O atendimento a esse grupo é feito quinzenalmente com a duração em média de 50 minutos. As crianças e as adolescentes são atendidas separadamente, a fim de adequar as atividades aplicadas segundo a faixa etária. As dinâmicas desenvolvidas com as adolescentes baseiam-se em conversas informais acerca de assuntos pertinentes a fase da adolescência, sempre trazendo as questões de ordem moral e responsabilidade pessoal nas discussões.

Especificamente, durante o período de 2007 a 2009 pudemos observar através do material de apoio didático pedagógico utilizado pelas educadoras do projeto que a maioria das histórias contadas era voltada para o ensino de princípios morais e éticos. Conforme é explicitado o Projeto tem entre suas finalidades com o trabalho com crianças e adolescentes: “Desenvolver em seus corações princípios bíblicos de ética, moral, respeito, honestidade e lealdade para que, quando adultos, sejam esses os princípios norteadores/formadores de suas índoles” (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado).

As histórias narradas são oriundas da Bíblia como as parábolas, livros e apostilas da Aliança Pró Evangelização das Crianças – APEC, livros e revistas de histórias infantis seculares ou religiosas. Observamos durante a pesquisa de documentos pedagógicos que a revista Aprendendo para crescer (MALAFAIA, 2004)

foi muito utilizada pelas educadoras em todos os locais onde o Projeto atua. Essa revista traz o ensino sobre o conceito bíblico de família e as possíveis formas de enfrentar os problemas familiares. Também frisa questões de ordem moral e ética como obediência, respeito e perdão no âmbito familiar e escolar, a prática de boas obras e de solidariedade, boas maneiras e regras de boa convivência. No livro de Max Lucado (2001), *Por que te amo*, a moral de sua história ensina que por amor os adultos estabelecem limites e regras como meio de preservação da vida física e espiritual da criança, por isso, é necessário e bom que tais crianças aprendam a obedecer ao que lhes é transmitido.

É também bastante usual a narração de parábolas bíblicas como forma de ensino da Palavra de Deus. Entre mais contadas está a Parábola do Bom Samaritano que ensina o amor ao próximo abnegado e incondicional. A parábola dos dois filhos tem como moral da história a obediência. Observamos na passagem bíblica do paralítico e os quatro amigos o ensino da valorização da amizade e da solidariedade em tempos de dificuldade. A narrativa dos dez mandamentos é contada, onde é focado o amor a Deus, e a obediência a seus mandamentos; cita-se cada um dos mandamentos contextualizando-os na realidade das crianças. Durante o período da páscoa conta-se, em geral, a história da A morte, ressurreição de Jesus e páscoa, baseado no Evangelho de Mateus e Marcos.

Em suma, desde o século XVI, a partir da obra de Erasmo de Rotterdam é possível a preocupação da educação das civilidades às crianças. Essa educação se estendeu pelos séculos de diversas formas, e atualmente, ganha força através de projetos sociais junto a crianças e adolescentes de periferia. Isso foi ocasionado, em parte, porque a família deixou de exercer seu papel educativo, relegando a outras instituições a educação moral e ética de seus filhos. A lacuna da educação familiar aliada a uma política minimalista do Estado com o bem estar social provocou de certa forma a promoção da atuação do terceiro setor, ou seja, das organizações não governamentais e de projetos sociais na educação moral e ética a crianças e adolescentes. Tal função é exercida pelo Projeto Conhecendo Jesus através da sua atuação em instituições mantidas ou auxiliadas pela Prefeitura Municipal de Rio Claro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia dos projetos, além da escola teve como foco principal descrever e analisar o projeto social da Igreja Evangélica Batista do Calvário desenvolvido nos bairros de Rio Claro-SP com crianças e adolescentes durante o período de 2005 a 2009 com o objetivo de explicitar os fundamentos político-filosóficos de suas concepções e suas possíveis implicações no projeto pedagógico e na organização do processo educacional. Constituíram-se eixos transversais em toda a pesquisa as especificidades do projeto sócio-pedagógico, a organização do processo educacional, bem como a relação entre a produção de convicção religiosa e a educação. Analisamos o desenvolvimento de um processo educacional em um território constituído como fronteira entre a referida Igreja e movimentos de bairros, através da parceria com a Prefeitura Municipal de em Rio Claro –SP. Assim, descrevemos as práticas educativas do Projeto Conhecendo Jesus através da coleta de documentos que demonstrassem sua concepção educacional e sua forma de ensino.

De acordo com o levantamento de dados o Projeto Conhecendo Jesus é vinculado a Igreja Evangélica Batista do Calvário. A ligação do Projeto com a Igreja não se restringe somente no sentido de sua formação inicial, mas também da origem da influência cultural no contexto do fazer educativo das educadoras nos diversos bairros de Rio Claro (GEERTZ, 1989). Pois, a cultura é um aspecto importante porque reflete o ethos, os valores morais e estéticos de um povo, como dos membros da Igreja, e também sua visão de mundo, a forma como as pessoas filiadas a Igreja irão intervir no mundo através de sua compreensão da realidade.

Conforme a literatura da Igreja Evangélica Batista do Calvário, sua principal finalidade é: “Ganhar vidas para Jesus e fazê-las membros de sua família, ajudá-las a crescer através do discipulado e enviá-las ao mundo com o propósito de glorificar a Deus” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - ESTATUTO SOCIAL, 2004, p. 02). E essa proposta é seguida pelo grupo de educadoras, ao “[...] levar a palavra de Deus a crianças, cujo atendimento familiar/social recebidos estava muito

aquém do desejável, [...] (de acordo com a Bíblia) para a formação das mesmas” (PROJETO CONHECENDO JESUS, [2008], não paginado). Esse processo é denominado por Geertz (1989) de socialização secundária.

Desta maneira, é possível observar que a cultura é um fio condutor por meio do qual são transmitidos os conceitos e valores morais e sociais. E é pela cultura que ocorre a ação social (WEBER, 1997). Pois, essa ação é decorrente de uma apropriação e de uma resignificação cultural, que embora possa redimensionar o sentido de uma prática social, será sempre delimitado pela cultura da qual o sujeito é pertencedor. Assim, a ação social das educadoras do Projeto Conhecendo Jesus tem como referência o ensino e a prática doutrinária da e na Igreja Evangélica Batista do Calvário. Pois, a Igreja, em seu estatuto social (2004) se dispõe a cooperar com outras organizações civis em: “[...] obras de caráter missionário, social e educacional, tais como asilo, orfanato, presídio etc” (IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO - ESTATUTO SOCIAL, 2004, p. 01). E segundo a proposta pedagógica ([2008]), o Projeto Conhecendo Jesus coopera em atividades educativas com outras organizações. Portanto, o discurso proferido na proposta pedagógica, é resultante da apropriação do discurso da instituição eclesial. Pois, segundo Foucault (1971), o discurso não produzido exclusivamente pelo sujeito, mas por todo um processo histórico-social que o antecede e o circunda.

Analisando a prática educativa no contexto da Igreja Evangélica Batista do Calvário, no departamento infantil e comparando-a com o desenvolvimento das atividades do Projeto Conhecendo Jesus, percebemos semelhanças na forma de ensino. Em ambas há características da pedagogia tradicional, com ênfase em atividades expositivas, como a contação de histórias, e a revisão do assimilado através da recapitulação do conteúdo narrado (SAVIANI, 1985). E historicamente, as escolas leigas ou religiosas, segundo Libâneo (1996), tem a tendência de seguir os princípios da prática de ensino da pedagogia tradicional.

Porém, há alguns aspectos conflitantes na pedagogia tradicional, porque esta desconsidera o contexto histórico cultural da criança, o seu conhecimento anterior e estabelece uma hierarquia entre educador e educando Saviani (1985). Porém, de acordo com Paulo Freire (1999), o diálogo é base do processo educativo tanto do educador como do educando, ambos aprendem e ensinam. A sabedoria, o conhecimento e o interesse do educando precisam assim, ser reconquistado e redescoberto, como fonte de aprendizagem (DEWEY, 1959). E para que a prática do

ensino utilizada pelos educadores cristãos promova o questionamento dos determinantes socioestruturais da educação (LIBÂNIO, 1996), é preciso que haja uma visão crítica da sociedade e a compreensão de que o fazer educativo da Igreja não é neutro, antes é influenciado por todo um contexto histórico cultural (FREIRE, 2002). O confronto da não neutralidade da Igreja, e que suas ações tem repercussão que podem ser ou não favoráveis as classes menos favorecidas. A quem não perceba essa realidade, a estes Freire (2002) os denomina de ingênuos, porém a aqueles que compreendem e advogam a pretensa neutralidade da Igreja de forma intencional, neste caso estes são denominados de espertos. Abandonar as ilusões idealistas, porém, envolve compromisso com as classes oprimidas socialmente e uma práxis efetiva que promova a transformação social do coletivo. Quando a Igreja consegue realizar essa transição ela retoma seu verdadeiro caráter profético (FREIRE, 2002).

No entanto, a questão não se resume nas alterações metodológicas da prática da pedagogia tradicional para outra tendência educacional. A educação para libertação é uma prática social, que visa o coletivo, a conscientização das limitações da estrutura social atual e a libertação daqueles que foram e ainda são oprimidos na, pela e com a sociedade (FREIRE, 2002). Esse processo pode ser iniciado de diversas formas, como os questionamentos acerca do por quê ocorre as parcerias entre Estado e Igreja. Pois, ao analisarmos essa questão, observamos que historicamente, a partir da obra de Erasmo de Rotterdam (1978) houve de forma escrita a preocupação de educar as civilidades às crianças. A educação pueril das boas maneiras e das formas socialmente corretas foram traduzidas e remodeladas de diversas formas ao longo do tempo. Atualmente, ela preenche a lacuna deixada pela família na educação dos filhos. No entanto, o Estado através da instituição da escola moderna não consegue suprir as deficiências de conhecimentos de valores e normas morais e éticas. Uma possibilidade paliativa de amenizar esse dilema de forma viável, econômica e rápida é as parcerias do Estado com organizações civis. Assim, o Estado transfere o problema da educação moral e ética de crianças e adolescentes para a sociedade, sem, contudo, dar suporte para essas organizações e principalmente as famílias. E é este tipo de parceria que observamos que ocorre entre o Projeto Conhecendo Jesus e a Prefeitura Municipal de Rio Claro.

Essas considerações nos permitiram uma reflexão inicial sobre como ocorreu, num determinado período, os processos educacionais e as implicações políticas e

filosóficas destes processos no contexto específico do Projeto Conhecendo Jesus. Assim, esta pesquisa foi um passo dado na busca do conhecimento nas relações educacionais em um projeto educativo e a sociedade, e que a partir dele possam surgir outras inquietações, questionamentos de forma a possibilitar o conhecimento do papel educativo da Igreja no contexto da vida contemporânea (FREIRE, 2002).

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. Entre o passado e o futuro.** São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.
- BERGER. P.; LUCKMAN, T. A construção da realidade social:** Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BERGER. P.; LUCKMAN, T. Perspectivas sociológicas:** uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BÍBLIA SAGRADA:** Nova versão internacional. Tradução da sociedade bíblica internacional. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- CAIRNS, Earle E. O cristianismo através dos séculos:** uma história da igreja cristã. São Paulo: Editora Vida, 1995.
- CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã.** vol. 3. Edição clássica (latim). São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989(a).
- CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã.** vol. 4. Edição clássica (latim). São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989(b).
- CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã. vol. 4. Cap. 20. Trad. da edição latina com acréscimo de outras versões latinas e francesas. **HOPFL.** Harro (orgs.) In: **Lutero e Calvino:** sobre autoridade secular. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.
- CARDOSO, Rebeca Clélia. O cultinho dos pequeninos** - maternal 2 a 4 anos. Apostila da Igreja Evangélica Batista do Calvário. Rio Claro: [s.n., 200?]. Não paginado.
- CERTEAU, Michael. A cultura no plural.** Campinas: Editora Papirus. 1995.
- DEWEY, John. Democracia e educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959.
- DRUCKER, Peter. Sociedade pós-capitalista.** São Paulo: Pioneira; São Paulo: Publifolha. 1999.
- EAGLETON, Terry. A idéia de cultura.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- IGREJA BATISTA DO CALVÁRIO. CLASSE DE BATISMO.** Rio Claro: [s.n.], [2008]. Apostila.

IGREJA BATISTA DO CALVÁRIO. CLASSE DE MATURIDADE CRISTÃ. Rio Claro: [s.n.], [2008]. Apostila.

IGREJA BATISTA DO CALVÁRIO. CLASSE DE MINISTÉRIOS. Rio Claro: [s.n.], [2008]. Apostila.

IGREJA BATISTA DO CALVÁRIO. ESTATUTO SOCIAL. Rio Claro: [s.n.], 22.12.2004.

IGREJA BATISTA DO CALVÁRIO/MINISTÉRIO INFANTIL. Algumas dicas para o trabalho com crianças. Apostila da Igreja Evangélica Batista do Calvário. [2008]. Não paginado.

FARINACCIO, Mônica. Ministrando aos pequeninos: A importância do ministério infantil e a sua organização. Apostila da Igreja Evangélica Batista do Calvário. Rio Claro: [s.n.], [2005].

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1971.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. 12ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1999.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. RJ: Paz e Terra. 2008.

FREIRE, Paulo. O papel educativo das igrejas na América Latina. In: **Ação cultural para a liberdade.** São Paulo: Editora Paz e Terra. 2002, p. 123-148.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1989.

GHIRALDELLI (Jr), Paulo. História da educação. São Paulo: Cortez. 2001.

GONSALES, Elisa Pereira. Conversas sobre a pesquisa científica. 3ª ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

KILPATRICK. William Heard. Educação para uma civilização em mudança. São Paulo : Melhoramentos, 1974.

KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares: Subsídios para uma leitura crítica. In: **Educ. Soc.** v. 18, nº 60. Campinas. Dez. 1997. Acessado em: <08.07.2009>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.

LIPOVETSKY, Gilles, 1944-. A sociedade pós-moralista :o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Barueri : Manole, 2005.

LIBÂNEO, José C. A Democratização da Escola Pública - A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 1996.

LIBÂNEO, José C. Didática. 12ª reimpressão. São Paulo: Editora Cortez. 1994.

LUCADO, Max. **Por que te amo**. Campinas, SP: Editora United Press. 2001.

MALAFAIA, Albertina. **Aprendendo para crescer**. Revista do Professor. Primários 7 a 8 anos. nº 1. Ano 1. Editora central. 2º sem. de 2004.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação** – Da antiguidade aos nossos dias. 12ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.

MATTÊI, Jean François. **A barbárie interior**: ensaio sobre o i-mundo moderno. São Paulo: UNESP, 2002.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. SP: EPU, 1986. (Coleção temas básicos da educação e ensino).

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Palavra, fé e poder**. Campinas, Editora Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. Campinas, Editora Pontes, 1996.

PESSOA, F. **Poemas escolhidos**. São Paulo: Editora Klick.1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Economia e sociedade: últimos achados sobre a “grande obra” de Max Weber. In: **RBCS**. Vol. 23 n.o 68 outubro/2008. Acessado em: <08.07.2009>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente: uma aula. In: **Novos estud. - CEBRAP**. 2006, n.75, pp. 111-127. Acessado em: <08.07.2009>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber. Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar* aquele velho sentido. In: **Rev. bras. Ci. Soc.** V. 13 n. 37 São Paulo Jun. 1998. Acessado em: <08.07.2009>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.

PROJETO CONHECENDO JESUS: [Esboço da proposta pedagógica]. Rio Claro: [s.n., 2007]. Paginação irregular.

PROJETO CONHECENDO JESUS: [Proposta pedagógica]. Rio Claro: [s.n., 2008]. Paginação irregular.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da vida privada 3** – Da renascença ao século das luzes. **ARIÈS**, Philippe; **CHARTIER**, Roger (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras. 1991, p. 169-209.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROTTERDAN, Erasmo de. **A civilidade pueril**. Lisboa: Estampa,1978.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 8a. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1967.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Lisboa-Portugal: Edições 70. 1997.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora LTC. 1982.

ANEXOS

ANEXO A – Esboço da primeira versão da proposta pedagógica do Projeto Conhecendo Jesus ([2007])

PROJETO SOCIAL

VISÃO

Ganhar todas as pessoas para Jesus.

MISSÃO

Fazer discípulos de Cristo que viva os propósitos de Deus na igreja e no mundo.

VALORES

Uma igreja dirigida por propósitos bíblicos, informal, contextualizada, ágil e transparente em suas ações, que valoriza pessoas acima de estruturas ou programas.

IGREJA COM PROPÓSITOS

Alcançarmos as pessoas através dos cinco propósitos de Deus para igreja, ou seja:

- | | |
|---------------|---|
| Comunidade | – pessoas de Rio Claro que não tem Jesus |
| Multidão | – pessoas que freqüentam as celebrações |
| Congregação | – pessoas comprometidas com a membresia |
| Comprometidos | – pessoas comprometidas com a formação espiritual |
| Núcleo | – pessoas ativas em ministério |

PROJETOS SOCIAIS

1- PROJETO “CONHECENDO JESUS”

“Ensina a criança no caminho em que deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele”.

1.1 APRESENTAÇÃO

Este projeto visa alcançar crianças e adolescentes com riscos sociais e baixas auto estima, bem como idosos em asilos e casa de repouso, através da palavra de Deus.

1.2 JUSTIFICATIVA

“Disse Jesus: - Amavai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei”.

Diante da vulnerabilidade social, física e psicológicas a que estão expostas as crianças e adolescentes, cujas famílias deixam de suprir plena e adequadamente suas necessidades em razão de atividades laborais e dificuldades sócio-econômicas, torna-se relevante à continuidade do trabalho já desenvolvido em projetos sociais voltados para a garantia de direitos da criança e do adolescente, bem como, o investimento na área humana, com dedicação especial de amor, alcançando assim como consequência à família como um todo.

1.3 OBJETIVO

Possibilitar o desenvolvimento de ações que trabalhem a auto-estima entre outros temas, resgatando as relações interpessoais, valores éticos, a compreensão de direitos e deveres, bem como, a libertação da pobreza espiritual, através do conhecimento da palavra de Deus, capacitando-os assim a serem adultos responsáveis e cristãos plenos.

1.4 META

Atender crianças, adolescentes na faixa etária de 6 a 17 anos, em situação de risco social, através de programas específicos e idosos em asilos e casa de repouso, com dedicação, amor, carinho e atenção.

1.5 AÇÕES

As crianças e os adolescentes são atendidos em grupos, realizando atividades através de dinâmicas diversas. Introduzimos também histórias bíblicas onde transmitimos os conceitos e princípios de moral, comportamento e cidadania.

Essas atividades são realizadas semanalmente com a duração em média de 60 minutos.

Em datas especiais realizamos atividades festivas, onde confraternizamos com a comunidade.

1.6 CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO ATENDIDA

Indicadores Quantitativos

Crianças atendidas = 300 distribuídas em cinco bairros

Idosos em asilos = 500 distribuídos em sete asilos

Equipe voluntária = 28 pessoas

Indicadores Qualitativos

Verificação da diminuição da agressividade das crianças e adolescentes, com fortalecimento dos vínculos afetivos.

ANEXO B – Proposta pedagógica do Projeto Conhecendo Jesus ([2008])

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DO CALVÁRIO

PROJETO CONHECENDO JESUS

I – HISTÓRICO

Em 2005, um grupo de sete mulheres cristãs, membros da Igreja Evangélica Batista do Calvário, em Rio Claro - SP, movidas por uma mesma visão - fazer algo por crianças carentes da periferia de suas cidades – uniram-se em torno de um mesmo propósito: levar a palavra de Deus a crianças cujo atendimento familiar/social recebidos estava muito aquém do desejável, do necessário, do fundamental (de acordo com a Bíblia) para a formação das mesmas.

Iniciaram o trabalho centradas em um único objetivo: **fazer a vontade de Deus**. Fazer **O que, Como e Onde** Deus quisesse realizar esse trabalho.

Puderam, então, em resposta às suas orações, ver a vontade de Deus concretizando-se. As idéias foram surgindo, os conteúdos e os locais onde o projeto seria desenvolvido foram estabelecendo-se.

O trabalho recebeu o nome de:- Projeto Conhecendo Jesus – As Contadoras de Estórias.

II – FUNDAMENTO

ENSINA A CRIANÇA NO CAMINHO EM QUE DEVE ANDAR E ATÉ QUANDO ENVELHECER NÃO SE DESVIARÁ DELE. *Prov.22:6*

III - PÚBLICO ALVO

Meninos e meninas com idade entre 6 e 18 anos.

IV - OBJETIVO PRINCIPAL

Levar crianças e adolescentes ao conhecimento da Palavra de Deus e, através desse conhecimento, resgatá-los da situação de risco e fragilidade em que vivem para uma vida mais feliz, mais alegre, mais saudável.

V- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Estimular crianças e adolescentes a:
 - conhecerem a Bíblia;
 - conhecerem os propósitos de Deus para suas vidas;
 - buscarem na palavra de Deus orientação para cada situação enfrentada;
 - desenvolverem a fé e a esperança em Deus.
2. Levar crianças e adolescentes à convicção de que em Jesus encontrarão respostas para seus conflitos pessoais e ajuda para os momentos difíceis.
3. Desenvolver em seus corações princípios bíblicos de ética, moral, respeito, honestidade e lealdade para que, quando adultos, sejam esses os princípios norteadores/formadores de suas índoles.

VI- ESTRATÉGIAS

- Trabalho voluntário de membros da igreja, comprometidos com o ensino religioso cristão.
- Parceria com instituições que adotem a visão cristã e os objetivos deste projeto e possam oferecer suporte técnico/pedagógico.

VII- MATERIAL UTILIZADO

- Didáticos/pedagógicos indicados para o processo ensino/aprendizagem do público alvo deste projeto, tais como bíblias, livros de histórias bíblicas, fantoches, *vídeos cassetes*, DVDs específicos para evangelização, cola, lápis, papel, etc.
- Equipamentos para projeção de vídeo cassete e DVD, TV, tela para projeção, retroprojetor, transparências, aparelho de som portátil, microfones, cenários etc.

VIII – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Contar, interpretar, dramatizar estórias;
- Projeção de filmes;
- Desenhos, pinturas, recortes, colagens;
- Atividades físicas, canto e coral;
- Abordagem de situações conflitantes vivenciadas cotidianamente pelos adolescentes, através de textos/estórias/parábolas bíblicas narradas;
- Debates/discussões/reflexões/dramatizações dos temas abordados, buscando a visão de Deus para seus questionamentos;
- Promoção de confraternizações entre os participantes;
- Momentos de oração e louvor a Deus

IX – LOCAIS ONDE O PROJETO TEM SIDO EXECUTADO

Desenvolvemos as atividades uma vez por semana, em cada entidade, com duração de aproximadamente 50 minutos, com grupos de 30 crianças, em média, nos seguintes locais:

Bairro Jardim Guanabara

Prédio da Associação de Moradores do Bairro

Bairro Jardim São João

Prédio da Prefeitura

Zona Central

Casa das Crianças –

Bairro Cidade Jardim

Educandário Santa Maria Gorete

X – QUANTIFICAÇÃO

-Jardim Guanabara, Jardim São João e Zona Central: atendemos cerca de 60 crianças carentes por entidade, sendo 30 na parte da manhã e 30 na parte da tarde, em idades de 06 a 12 anos.

Essas crianças permanecem nesses locais no período oposto àquele em que freqüentam a escola.

-Educandário Santa Maria Gorete: atendemos cerca de 30 crianças/adolescentes. Trata-se de uma entidade católica, que abriga, em regime de internato e semi-internato, crianças e adolescentes que foram retiradas de suas famílias por decisão judicial (abandono, maus tratos, pais presos, violência doméstica etc.).

Total de crianças atendidas: 450.

Equipe de Voluntários: 7 (sete).

XI – CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Parte dos recursos financeiros provêm da Igreja, através de cópias xerografadas e mimeografadas;

Despesas com combustível e veículos para locomoção aos bairros são assumidas conjuntamente pela equipe de voluntários;

Roupas e calçados doados são vendidos em bazares e o dinheiro arrecadado constitui parte dos recursos utilizados para a compra dos materiais necessários ao desenvolvimento das atividades.

XII – NOSSAS NECESSIDADES

- Espaço físico dotado de estrutura adequada para o desenvolvimento das atividades programadas

Um espaço físico adequado melhorará muito a qualidade do atendimento que damos a estas crianças e adolescentes e ainda nos permitirá alcançar um número bem maior de crianças em situação de risco.

- Condições financeiras para aquisição de material didático/pedagógico e para a capacitação da equipe de voluntários;

- Transporte próprio exclusivo para o deslocamento da equipe e das crianças, quando da realização de eventos e confraternizações.

XIII – REFLEXÕES DA EQUIPE DE VOLUNTÁRIAS

Ao avaliarmos os trabalhos que realizamos ao longo desses três anos constatamos que, mesmo com tão poucos recursos, obtivemos retorno positivo de nossas ações.

Nossa convivência com essas crianças/adolescentes trouxe-nos um vínculo muito forte de amor e carinho por elas, o que nos dá forças para perseverarmos, apesar das dificuldades para a realização dos trabalhos. Já podemos observar o quanto nosso trabalho serve de fonte de esperança para elas, tão desprovidas de tudo. O conhecimento que adquirem sobre Deus e os princípios ali aprendidos têm norteado seus atos, com diminuição da agressividade e o fortalecimento dos vínculos afetivos com seus pares e familiares.

Temos convicção de que estamos dentro da visão de Deus; de que esse trabalho não pode parar; de que temos de investir cada vez mais nas crianças do nosso país. Nas mãos desses pequeninos está a esperança de um mundo melhor, um mundo formado por homens e mulheres conhecedores e praticantes da palavra de Deus.

Temos um sonho: ampliar nossos horizontes.

Temos um objetivo: resgatar e ajudar crianças e jovens a terem uma vida digna.

Enquanto os responsáveis pelas entidades que atendemos reconhecem a importância do trabalho que realizamos outras entidades, que atendem o mesmo tipo de público, pedem a nossa colaboração.

Temos disponibilidade, comprometimento, vontade, carinho e muito amor para compartilhar com essas crianças.

A semente está sendo plantada e precisamos da sua ajuda!

ANEXO C – O cultinho dos pequeninos ([200?])

O CULTINHO DOS PEQUENINOS

(Maternal 2 a 4 anos)



ROTINA DO DIA

Recepção

Receba as crianças sempre demonstrando alegria e carinho. Nesta idade elas precisam sentir-se amadas e seguras.

Permita que escolham alguns brinquedos, coloque-os sobre a mesa e deixe-as brincar até o tempo determinado. Brinque com as crianças e aproveite para observá-las e conhecê-las melhor.

Na hora de guardar os brinquedos, incentive-as cantando uma música. Você poderá ajudá-las a guardar, mas não faça todo o trabalho para elas.

Louvor

Depois de guardarem todos os brinquedos, façam um semi-círculo e sentem-se no tapete. Nesta hora, não deve haver choro nem confusão. Se alguma criança começar a chorar, a professora auxiliar tentará acalmá-la e, se for necessário, sairá da sala.

As músicas devem ter letras fáceis e podem ser ilustradas com cartazes (figuras de revistas). Os cartazes podem ser mostrados um a um e ao cantar enfatize sempre o amor de Jesus.

Se você cantar algumas músicas e as crianças se cansarem, pare. Lembre-se que são ainda pequeninas.

Cante músicas alegres mas termine o louvor com uma música mais lenta e calma, ministre a paz de Jesus e prepare-as para ouvir a história.

História

Este é um momento muito importante, onde as crianças devem estar sentadinhas e atentas.

O ideal é que a história seja contada com bonequinhos que as crianças podem manusear sem tumulto. Os bonecos e os demais

materiais para a história podem ser retirados um a um de uma caixa "surpresa", assim a história ficará mais interessante.

Conte a história com "vida", faça as vozes dos personagens, os gestos, sem agitar as crianças. Se houver agitação, a auxiliar deve ajudar a acalmar as crianças. Nunca fique afobada, pois o objetivo deste momento pode ser perdido.

Termine a história com uma oração para que as crianças repitam.

Se alguma criança quiser contar algo durante este momento, peça que guarde sua idéia e depois da história deixe que ela fale, e direcione a conversa para o que foi ensinado.

Versículo

As crianças, nesta idade, não são capazes de memorizar algo e lembrar depois de algum tempo, porém um versículo com poucas palavras pode ser repetido e acompanhado na Bíblia.

Use uma Bíblia "grandona" e peça que as crianças repitam e coloquem o dedinho sobre o versículo escrito, passando-a para que todas as crianças manuseiem-na.

Lanche

O cultinho está terminando e as crianças estão cansadinhas. Coloque-as sentadas ao redor da mesa; agradeçam a Deus pelo lanche e sirvam algumas bolachinhas e suco.

Desenho para colorir

Em seguida, para terminar, você poderá entregar um desenho que ilustre a história, para cada criança colorir.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

- As professoras devem chegar sempre alguns minutos antes das crianças para separar o material do dia e orar umas com as outras. Se você chegar correndo, as crianças perceberão e ficarão agitadas.
- Assiduidade e responsabilidade são fatores importantíssimos, pois nesta idade as crianças precisam de segurança e carinho; sentir-se-ão seguras ao ver a professora a sua espera.
- Nunca permita que uma pessoa despreparada fique com as crianças.
- A professora não deve ficar sozinha na classe, pois pode surgir alguma emergência; caso ocorra algum imprevisto, não interrompa a aula, pois as auxiliares estão ali para ajudar.
- Fale sempre em voz baixa para que as crianças façam o mesmo.
- Quando alguma professora der alguma instrução, certifique-se que não estará contrariando as instruções da outra professora. A unidade é algo muito importante.
- Alguma mamãe pode ficar na sala "vez ou outra", desde que não interrompa e apenas observe "de longe". Com amor, explique-lhe que a voz de comando é da professora e a mamãe está ali apenas para dar segurança ao seu filhinho.
- Pode acontecer de alguma criança começar a chorar durante a aula. Peça à auxiliar que procure saber se é manha ou choro com motivo justo. Resolva a situação de forma que não agite todos. Se houver necessidade, leve-a para a mamãe.
- Nunca engane ou minta para a criança, dizendo algumas frases como:
"Jesus não gosta mais de você".
"O Papai de Céu vai castigá-la".
"A mamãe só foi ao banheiro mas já volta".
Nunca prometa o que não poderá cumprir.

- Professora, cuidado com o que você faz, fala e com suas atitudes; a criança estará observando e irá imitá-la.
- Disciplinar é preciso, com firmeza e amor. Muitas vezes as crianças insistem no erro e pelo cansaço as pessoas fingem que não estão vendo, isto não pode acontecer. As crianças querem pessoas que cuidem delas e tenham um posicionamento firme e amoroso. Não se irrite em nenhum momento.
- Ame as crianças sem distinção, tenha muita paciência, disposição e criatividade. Marque as crianças com muito amor e justiça para que nunca esqueçam que a casa de Deus é o melhor lugar do mundo.

COMO DEVE SER A SALA

O ideal é que a sala tenha dois ambientes:

- o tapete: para a hora do louvor, histórias e brinquedos;
- a mesa com cadeirinhas (de acordo com a idade das crianças): para as atividades de pintura, lanche, massinha e alguns joguinhos.

A sala deve estar sempre organizada, as caixas encapadas, os brinquedos nos devidos lugares. Não "polua" a classe com muitos enfeites, a decoração deve ser em tons pastéis.

ANEXO D– Algumas dicas para o trabalho com crianças ([2008])

ALGUMAS DICAS PARA O TRABALHO
COM AS CRIANÇAS



Igreja batista do calvário

MINISTÉRIO INFANTIL

A retirada de materiais
deverá ser feita
antecipadamente no
almoxarifado do depto
infantil, sempre aos
domingos pela manhã.



O professor deverá
retirar com antecedência para que
tenha tempo de se preparar e
evitar improvisações.
O material retirado deverá ser
anotado e devolvido no máximo
em duas semanas.

Procure deixá-las confortáveis pois
o desconforto
também é motivo
para indisciplina.



Não pergunte:
*Quem quer ir ao
banheiro? Quem
quer beber água?*
É claro que todas
querem dar uma
voltinha.

Use sempre o bom senso

As crianças não têm liberdade
para mexer nos instrumentos,
subirem no palco, ou mexer nos
microfones.

Há um objeto que está causando
desatenção? Recolha-o
calmamente dizendo que irá
devolvê-lo ao final do culto.



As crianças deverão encontrar
na igreja um ambiente de amor.
Julgue as atitudes e jamais as
crianças.
Fale sempre com amor.



No maternal, procure seguir
esta seqüência
de atividades:
Oração (leve-os a orar
também, sozinhos ou
repetindo sua oração)

Louvor
História
Concursos, desenhos, lanche,
brincadeiras, etc.



Cuidado com suas atitudes: tudo o
que você fizer ou falar a criança
estará observando e irá imitá-lo.



Fora do depto
também devemos ser
exemplos e agir
conforme aquilo que
esperamos de nossas
crianças (participar de
cultos, dizimar, ser
gentil com as
pessoas, etc.)

Uma sugestão de divisão em
três classes:

Maternal crianças de 2 e 3 (se
houver poucas crianças, deixar os
de 4 anos junto com o maternal)
Pré-escolares: crianças de 5 e 6
anos (as vezes os de 4)
Crianças e juniores: 7 a 10 anos
Caso seja necessário, separe 7 e
8 anos em uma classe e 9 e 10
anos em outra.

Viu como é importante que
vários professores estejam
preparados? O trabalho assim fica
bem tranqüilo.

Explique sempre de maneira simples, breve e com amor.

Mantenha as crianças ocupadas.



Mesmo que um professor esteja contando histórias, isto não significa que os outros não têm o que fazer. Esteja sempre atento ao líder da sala para saber a hora de agir.



Evite chamar a atenção de uma criança durante a palavra. Chegue até perto dela e com um sinal, peça silêncio.

Disciplina

Todos poderão contar histórias. Crie coragem, treine. Você irá falar do amor de Deus às crianças.



Não esqueçam de registrar a história que foi contada.

Esperem pelas crianças na porta. Não são elas que devem estar nos esperando

Não comece cantar, orar, ou contar histórias se houver barulho ou crianças andando e conversando. Espere calmamente pelo silêncio.

Use o método de contar até três para que se acalmem.



Coloque as crianças menores na frente e as maiores atrás.

Maternal

As crianças de 2 e 3 anos deverão ficar no maternal. É importante que fiquem pelo menos duas pessoas com elas para o caso de levá-las a algum lugar.



A voz do professor deve ser baixa, meiga e calma. Não grite com as crianças de nenhuma idade.

Evite ficar com uma criança no colo. Quem está servindo, serve a todas. Nunca faça distinção entre as crianças.



Para as crianças menores também será contada a história. A palavra de Deus será ministrada de maneira simples, de preferência o professor deverá se sentar para falar com elas.

Procure seguir esta seqüência de atividades;

- Cânticos
- História breve, objetiva e com recursos visuais.
- Desenho

Brincadeiras (se as crianças estiverem brincando, não fiquem distraídos conversando com mães ou outros professores, procurem brincar com as crianças, falar com elas e observá-las)



E se uma criança chorar demais? Um professor deverá tentar acalmá-la tirando-a do grupo ou levando-a para



passar, caso não resolva o problema leve-a até a mamãe.

Ao final, peça as crianças para ajudarem na organização das salas

Não envergonhe nenhuma criança
e não prometa prêmios para que
fiquem quietinhas

Quando o culto terminar verifique
se as janelas estão fechadas,
microfones e ventiladores
desligados e luzes apagadas.



Peça a Deus para que você seja :

Usado por ele
Dedicado
Criativo
Maduro
Espiritualmente
Alegre
Disponível
Amado
Honesto
Pontual e
responsável
Equilibrado e
Humilde (que se auto avalia)



Mesmo que você não seja o
melhor professor, dê o seu melhor.



Caro professor,
Sua ajuda é muito importante para nós
Deus certamente irá recompensá-lo.
Ministério Infantil

*"Os que a muitos conduzirem à justiça, brilharão como as
estrelas"*

Daniel 12:3

ANEXO E – Ministrando aos pequeninos ([2005])

"MINISTRANDO AOS PEQUENINOS"

⊠ importância do ministério Infantil e a sua organização

INTRODUÇÃO:

Porque um curso para professores de crianças?

Assim como em todas as áreas os profissionais se aperfeiçoam fazendo cursos e buscando novas maneiras de realizar seu trabalho de forma mais eficiente, nos "profissionais" do reino de Deus, devemos, também nos aperfeiçoar.

Em Efésios 4: 12 encontramos o que Deus quer de nós..."querendo o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo". Este curso é uma forma de você se aperfeiçoar e dar o melhor de si.

Bases bíblicas para evangelização de crianças

O que pensa Deus Sobre a sua obra?

"Ide... pregai o evangelho" Marcos 16:15.

"Não é vontade de Deus que uma criança se perca" Mateus 18:14

"Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais" Marcos 10 14

"Apascenta os meus cordeiros" João 21:15

"Ensina a criança no caminho..." Prov 22:6

As crianças também são pecadoras

Elas estiveram presentes em cultos de arrependimento em Israel. Esdras 10:1

"Até a criança se dará a conhecer pelas suas ações" (Provérbios 20:11)

A nova geração deve receber o pleno conhecimento da obra e do poder de Deus para que não se torne uma geração rebelde. (Salmo 18:1-8)

A obra deve ser feita com toda seriedade e dedicação

Cl 3:23 - Tg 1:5- 2 Tm 2:15 - Jr 48:10 - -Ec 9:10

I Pe 4:10 -Rm 12:7 - I Co 12:4 - LC 6:40b

Ganhando uma criança para Cristo, ganha-se uma vida inteira que poderá ser utilizada no serviço de Deus.

Qual é sua motivação para o trabalho com as crianças?

Se a motivação do professor estiver errada ele não se dedicará ao ministério.

Por que trabalho com crianças?

Sou paciente com elas?

Sou dedicado?

Sou alegre? Transmito felicidade?

Sirvo de apoio?

Oro pelas crianças?

Preparo-me para ministrar?

Transmito santidade?

Respondo às suas perguntas?

As crianças me amam?

Sou igual a Jesus?

1. CARACTERÍSTICAS DE UM BOM LÍDER

Está aos pés do Senhor. Este é o seu lugar. É onde recebe novas idéias, novas forças, novo ânimo, nova motivação, sabedoria, etc. É aquele momento apenas, mas o permanecer com ele. A partir do momento de sua decisão, dedique-se ao trabalho com crianças. Esteja pronto para deixar-se orientar totalmente pelo Espírito santo. O trabalho só será frutífero se você estiver constantemente na presença de Deus.

Assume o seu ministério

É exemplo. É igual a Jesus Ef 5:1

É alegre e transmite felicidade

Serve de apoio

É perseverante. Não desanima facilmente. Lucas 21:19, Rom 5: 3-4

É maduro espiritualmente e emocionalmente. Não é melindroso

É disponível Prov 11:24-25

É criativo Prov 17:27

É equilibrado

É flexível

Tem uma vida de oração. Ora por seus alunos

É bem preparado e atualizado. I Pedro 3:15, II Tim 2:15.

Ama seus alunos e é amado por eles. Gal 5:22 João 15:17

É pontual. Não falta aos compromissos. Jeremias 48:10

Pede críticas e sugestões. Avalia-se. É humilde

É paciente I Cor 13:4, Gal 5:22.

É dedicado. Usa sempre novos e diferentes métodos

É exigente consigo mesmo

Discípulo Mat 28:19-20

É entusiasta. É positivo II Cor 4:16, Neemias 8:10 b

É honesto Mat 18:6

Reconhece suas limitações Fil 3:12

É feliz por estar cansado trabalhando para Jesus

2. LOUVOR E ADORAÇÃO

Louvamos a Deus pelo que Ele **faz**

Adoramos a Deus pelo que Ele **é**

"Da boca dos pequeninos tiraste o perfeito louvor" Mateus 21:16

Deus nos fez para o louvor da sua glória. Devemos ensinar as crianças a louvarem a Deus.

Características do músico: (baseado em I Sam 16)

Humildade

Unção

Estudo

Obediência

Responsabilidade

A música age nas pessoas e animais. Ela vai direto ao coração, não passa ela mente e pode trazer alegria, medo, nervosismo, exaltação carnal, etc. Por isso devemos ficar atentos ao que ouvimos e cantamos.

O período de louvor inicia-se sempre com uma oração

Explique às crianças o que é oração, porque oramos, fechamos os olhos, ficamos em reverência, e pedimos "em nome de Jesus".

No início do culto o dirigente pode fazer uma oração que será repetida pelos alunos. Use linguagem simples, evite expressões batidas e sem sentido. Seja breve.

Ore quando todos estiverem em reverência.

- por você, para que seja um instrumento nas mãos de Deus
- pela preparação da lição em cada detalhe
- pelas crianças da classe
- pelos que trabalham com você
- pelos lares representados

Cantamos porque:

- é bíblico
- atrai
- dá testemunho
- dá ênfase à lição
- declara verdades bíblicas
- prepara o coração
- faz as crianças participarem ativamente
- ensina as crianças a adorarem a Deus

Escolha os cânticos com antecedência

Escolha músicas fáceis, próprias para crianças

Determine a introdução. Não invente

Explique o significado de palavras novas

Verifique se as crianças estão realmente cantando para o Senhor e não fazendo barulho

Mantenha o ritmo, melodia e harmonia. A flexibilidade vocal das crianças é pequena. Não escolha tons altos. Músicas alegres podem ser mais altas que as músicas mais calmas.

Músicas para crianças podem ser tocadas do DO+ central até o próximo

Faça gestos com elas

Verifique se o volume dos instrumentos e microfone estão adequados

Exija disciplina mesmo quando estiverem pulando, batendo palmas, etc.. Em nenhum momento perca o objetivo do louvor

Acomode bem as crianças

3 - A HISTÓRIA

Inicie com uma oração

Sugestões para introduzir a história:

- um presente com um objeto dentro que tenha relação com a história. O Professor dá dicas sobre o objeto e os alunos descobrem o que há dentro da caixa.

- perguntas: *Jacó possuía uma família grande, bem maior que muitas que conhecemos. Quantos irmãos você tem? Vamos ver quem tem mais?*

- Através de uma figura ou objeto

Pode-se fazer recordação

- Algumas frases ditas pelo personagem: *Quem disse "Crê no Senhor Jesus e será salvo tu e a tua casa"?*

- O professor dá dicas e a criança diz quem é o personagem. Ex: *Estou pensando em um rei que poderia ter pedido sabedoria...*

- *O que aconteceu na última parte da nossa história?*

Inicie com uma oração

a) Algumas sugestões práticas:

- Prepare-se antes, conheça bem a história, familiarize-se com ela.
- Toda história tem: COMEÇO - ANDAMENTO- CLIMAX-CONCLUSÃO.
- Não decore a história, CONTE-A, não DECLAME.
- Evite expressões como: "Então né", "daí " etc.
- Dê emoção, viva o que estiver contando.
- Relacione a verdade bíblica à vida da criança
- Olhe para as crianças quando estiver contando a história. É para elas que você está contando. Passeie o olhar por toda a classe
- Use voz natural (não altere o tom voz de nem grite).
- De nome aos personagens (em caso de histórias não bíblicas, invente um nome, se necessário).
- Para classes com poucos alunos ou de crianças pequenas (maternal) é melhor sentar-se.
- Não deixe para atingir o seu alvo (transmitir a mensagem bíblica) depois que falou o fim da história. Aproveite para transmitir a mensagem durante a história.
- Após a história, faça o apelo.

b) Ilustrações: Dizem os psicólogos que podemos reter 10% do que ouvimos, mas se além de ouvir vemos, podemos reter até 50% daquilo que presenciamos.

As figuras foram usadas na Bíblia por Jesus (sal, luz, porta, etc). É por isso que o método audiovisual é tão importante.

Não fique na frente das figuras.

- Nunca dê as costas para as crianças.
- Não deixe figuras tortas no flanelógrafo ou retroprojektor (se alguma figura entortar ou cair, fique calmo).
- Arrume o material sobre a mesa antes de iniciar.
- Não tire as figuras do quadro enquanto não falar sobre elas.
- Escolha ilustrações que estejam de acordo com a história (homem alto é um homem alto, homem gordo é gordo, etc).

c) Você pode variar o modo de contar histórias utilizando:

- retroprojektor
- lousa
- cartazes, livros.
- Slides
- dobraduras
- dramatizações
- figuras em sequência
- flanelógrafo
- mímicas (o narrador conta e o grupo encena)
- filmes
- fantoches
- bonecos e miniaturas
- carta enigmática
- dramatizações preparadas pelos professores ou com as crianças

Os recursos visuais são muitos e a cada dia o professor pode criar novas formas de expor a lição. Mas todas elas devem ser alegres, limpas, caprichadas, de acordo com o objetivo a alcançar, legíveis e em ordem.

Cuidado com figuras conhecidas. Algumas pessoas elaboram cartazes com figuras de artistas de televisão e cinema. Cuidado para que isso não aconteça com você.

O recurso que for utilizado será para auxiliar sua aula, tornando-a mais interessante. Não exagere. Não use muitos recursos em uma só aula, pois poderá ficar perdido no meio deles. Não dependa de seus métodos e, sim, de DEUS E DE SUA PALAVRA. Há professores que dependem tanto de suas ilustrações, que se uma delas falhar a aula será um fracasso.

Lembre-se que **você** é o seu melhor recurso.

4 -DISCIPLINA

Levíticos 19:30 (reverência)
Prov 29:15 e 17 (Castigo)
Prov 20 :11

Crianças gostam de coisas em ordem, com disciplina.

Deus não gosta de desordem. Onde há ordem o diabo não entra. Uma vez guiado pelo Espírito Santo, você irá agir conforme aquilo que Ele ordenar. Seguem alguns conselhos referentes ao assunto.

1. Nunca repreende uma criança quando estiver com raiva, porque certamente não funcionará. Peça sabedoria. Só assim você saberá quando a criança está querendo chamar atenção, está brincando, com "manha" ou com algum problema. Disciplina é questão de estar cheios do Espírito Santo e é por ele que devemos agir e não segundo os psicólogos. Se nos irritarmos com uma criança, a orientação que daremos a ela não será pelo Espírito.
2. Não envergonhe a criança. Não a suborne com prêmios para que fique "quietinha".
3. Há necessidade de que todos os professores exijam os mesmo padrões de disciplina. Aquilo que um professor não permitir, os outros não permitirão. A coerência entre ele é importante. Qualquer deslize de um professor alertará as crianças, que são bastante observadoras.
4. Seja delicado. Nunca levante a voz com uma criança.
5. Não comece orar, cantar ou contar a história se houver barulho ou crianças andando ou conversando. Espere calmamente pelo silêncio.
6. Olhe firmemente para a criança desatenta
7. Estabeleça um modo delas pedirem a palavra
8. Nunca seja "bonzinho" a ponto de transigir com o erro.
9. Não tenha nenhuma atitude que não gostaria de ver em seus alunos. Nunca diga: "Eu posso porque sou professor"
10. Nunca desça ao nível de ser desrespeitado, como dar tapas, socos, cócegas, etc.
11. Nunca marque uma criança porque você não gosta de seus pais porque é pobre ou porque é filha de um líder, etc. Trate todas as crianças da mesma forma.
12. Mantenha a criança ocupada
13. Retire da criança um objeto que possa estar causando desatenção. Devolva à criança no final da aula
14. Chame a atenção sendo positivo. "Como eu sei que vocês vão ficar quietos..."
15. Chegue no horário e inicie a aula na hora marcada
16. Vigie as crianças, mas não implique com coisinha sem importância. Se está atrapalhando as demais, ignore.
17. Não permita que os demais professores fiquem conversando na sala de aula
18. Desenvolva atividades adequadas à idade com que vai trabalhar
19. Não realize atividades muito longas
20. Certifique-se de que as crianças estão bem acomodadas.

Lembre-se que não há regras sobre disciplina, mas há princípios.

Causas de indisciplina

1. Físicas:

- Desnutrição
- Cansaço
- Doença
- Despreparo do professor
- Preocupação com o lar
- Aulas longe de sua realidade (ensino inadequado)
- Influências satânicas (falta de oração)
- Problemas psicológicos (complexos)

2. Sociais:

- desejo de brincar, de conversa, de expandir, de atrair a atenção sobre si.

3. Influência do lar

- falta de respeito
- mimo
- ausência de religião
- falta de disciplina no lar

4. Ensino inadequado:

- trabalho mal organizado e mal preparado
- dependência do material a ser ensinado
- assuntos fora da realidade da criança
- atitude negativa. Pouca esperança de que as crianças entendam

5. Problemas psicológicos:

- complexos

6. Influência satânica

- Satanás não quer que as crianças ouçam o evangelho

7. Causas imediatas

- luz nos olhos, desconforto.

Sete meses é a fase em que começa o confronto da criança com os pais.

Os pais devem fazer uma programação com os filhos. Atividades de manhã, tarde, noite, sol, chuva, etc.

Esperamos que o conteúdo desta apostila o ajude e incentive no desenvolvimento deste maravilhoso ministério. As crianças merecem toda a nossa dedicação. Dê o máximo de si mesmo primeiro ao Senhor, e Ele, somente Ele fará com que prospere nesta área.

Mônica Farinaccio

Prof. Dr. Romualdo Dias
Orientador

Ana Paula Pedro Gonçalves Coelho
Orientanda

Rio Claro
15 de outubro de 2009